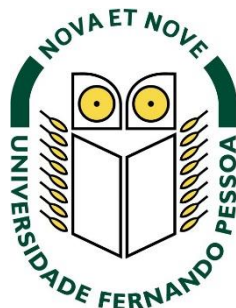


Catarina Raquel da Silva Duarte



**Violência no Namoro: Taxa de incidência em estudantes
universitários**

Projeto de Graduação

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2019

Catarina Raquel da Silva Duarte



**Violência no Namoro: Taxa de incidência em estudantes
universitários**

Projeto de Graduação

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2019

Violência no Namoro: Taxa de incidência em estudantes universitários

Projeto de Graduação

Declaro que atesto a originalidade deste trabalho:

Catarina Raquel da Silva Duarte

Projeto de Graduação apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciada em Criminologia, sob a orientação científica do Professor Doutor José Soares Martins.

Porto, 2019

Resumo

A violência doméstica, assim como a violência no namoro, é um fenómeno que tem contando com uma grande visibilidade a nível científico e social, constituindo-se um tema recorrente no nosso dia-a-dia. Este fenómeno psicossocial abrange todas as classes sociais, géneros, culturas (Caridade, 2011). Desse modo, à semelhança da violência doméstica, a violência no namoro é um problema a nível global que afeta muitos jovens.

Posto isto, o Projeto de Graduação surge como uma proposta de investigação, cujo principal objetivo se focaliza no desejo de tentar perceber quais as motivações dos jovens, que frequentam um curso superior, ao praticarem atos de violência interpessoal. Consumada a revisão da literatura, o foco do projecto de investigação unifica-se na análise da taxa de incidência de violência nas relações de intimidade e possíveis motivos inerentes, em jovens universitários.

O presente trabalho está dividido em duas partes: a primeira parte é referente ao enquadramento teórico, aludindo à revisão da literatura, e a segunda parte decorre da exposição de um estudo empírico, fundamentando-se na aplicação de inquéritos por questionário a estudantes universitários, na região do Porto. Uma das razões pela qual a zona de eleição foi o distrito do Porto, deve-se a este configurar-se, em termos absolutos, segundo o RASI (2018), como um dos distritos com maior número de registo de ocorrências de violência doméstica.

Palavras-Chave: Comportamentos; Jovens; Taxa de Incidência; Violência Doméstica; Violência nas Relações de Intimidade

Abstract

Domestic violence, like dating violence, is a phenomenon that has had a high scientific and social visibility and is a recurring theme in our daily lives. This psychosocial phenomenon covers all social classes, genders, cultures (Caridade, 2011). Thus, like domestic violence, dating violence is a global problem that affects many young people.

That said, the Graduation Project emerges as a research proposal, whose main objective is focused on the desire to try to understand the motivations of young people, who attend higher education, when practicing acts of interpersonal violence. After reviewing the literature, the focus of the research project is unified in analyzing the incidence rate of violence in intimate relationships and possible inherent motives in college students.

The present work is divided into two parts: the first part refers to the theoretical framework, alluding to the literature review, and the second part to the exposition of an empirical study, based on the application of questionnaire surveys to university students in Porto region. One of the reasons why the district of choice was the district of Porto is that it is, in absolute terms, according to the RASI (2018), as one of the districts with the highest number of occurrences of domestic violence.

Keywords: Behaviors; Young; Incidence Rate; Domestic violence; Violence in Intimate Relations

Dedicatória

Aos meus pais e à minha família por todo o apoio e paciência.

Agradecimentos

A elaboração deste Projeto de Graduação contou com um período de muitas emoções, em que a realização do mesmo não era possível sem o apoio de várias pessoas. Assim sendo, quero expor o meu agradecimento a todos(as) aqueles(as) que contribuíram, diretamente e indiretamente, à concretização deste Projeto, bem como o decorrer do meu percurso académico.

Primeiramente, agradeço à Instituição da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, pela excelente qualidade de ensino e preparação para o mundo do trabalho, nestes três anos de Licenciatura, assim como a todos(as) os(as) docentes pelos ensinamentos, conselhos, desenvolvimento de competências e motivação, possibilitando a efetuação deste Projeto.

Em seguida, ao meu orientador, professor Doutor José Soares Martins por toda a dedicação, suporte, confiança e disponibilidade para atender aos meus receios e dúvidas ao longo deste período.

Agradeço aos meus pais por todo o esforço que tiveram de fazer para me cederem a oportunidade de frequentar um curso superior, por todo o apoio e amor nas fases de maior dificuldade e receios, e por me ensinarem que com esforço tudo é possível. Sem vocês não era possível estar onde estou hoje, obrigada.

Obrigada aos restantes elementos da minha família que sempre me apoiaram na decisão do meu curso, bem como se dispuseram para me ouvir acerca dos mais variados temas abordados nas aulas, estando sempre de braços abertos para qualquer dúvida, questão ou desafio que nutrisse.

A todos os amigos que apareceram nesta jornada e que sempre guardarei no meu coração. Por todo o apoio, carinho e gargalhadas que compartilhamos nestes três anos. Um especial carinho à Sara Loja por toda a paciência, atenção e preocupação, és uma amiga espetacular. Do mesmo modo, quero agradecer à Juliana Menezes, Eunice Pereira e Carina Guímaro pelos momentos que me proporcionaram e a amizade que criámos.

Em suma, quero agradecer a todos que estiveram ao meu lado nesta etapa da minha vida e por todo o apoio incondicional.

Índice

Introdução.....	1
I – Enquadramento Teórico	4
1.1. Violência nas Relações de Intimidade	4
1.2. Violência nas Relações de Intimidade Juvenis	7
1.2.1. Adolescência e Namoro	7
1.3. Violência no Namoro	8
1.3.1. Conceptualização do Conceito	8
1.3.2. Dados Epidemiológicos sobre a Problemática	9
1.3.3. Tipologias de Violência	12
1.3.4. Ciclo da Violência.....	14
1.3.5. Fatores Predisponentes para a Violência.....	17
1.3.6. Crenças na Violência no Namoro.....	24
II – Estudo Empírico.....	27
2.1. Metodologia	27
2.1.1. Objetivos	27
2.1.1.1. Objetivo Geral	27
2.1.1.2. Objetivos Específicos	28
2.1.2. Amostra	28
2.1.3. Critérios de Inclusão.....	29
2.1.4. Critérios de Exclusão	29
2.1.5. Método	30
2.1.6. Instrumento.....	30

2.1.7. Procedimentos	31
2.1.8. Resultados Esperados.....	32
III – Reflexões Finais	344
Conclusão.....	366
Referências Bibliográficas	37
Anexo I: Legislação referente à Violência Doméstica.....	466
Anexo II: Inquérito por questionário para estudantes universitários portugueses	477
Anexo III: Pedido de autorização à Comissão de Ética à Universidade Fernando Pessoa.	52
Anexo IV: Pedido de autorização para realização de questionário ao Reitor da Universidade do Porto	53
Anexo V: Pedido de autorização para realização de questionário ao(à) Diretor(a) da Faculdade ---- da Universidade do Porto	55

Índice de Figuras

Figura nº 1: Artigo 152º Violência Doméstica do Código Penal Português presente no Anexo I (Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa, 2019).....	4
Figura nº 2: Ciclo da Violência Doméstica baseado no evidenciado pela APAV (APAV, 2012).....	16

Índice de Siglas

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

CDS – Center for Disease Control and Prevention

CPP – Código Processual Penal Português

MP – Ministério Público

OMS – Organização Mundial da Saúde

RASI – Relatório Anual de Segurança Interna

UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta

VD – Violência Doméstica

VN – Violência no Namoro

VRI – Violência nas Relações de Intimidade

Introdução

A elaboração do presente Projeto de Graduação surge no âmbito do programa da Licenciatura em Criminologia, pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, na Universidade Fernando Pessoa, no decorrer do terceiro ano do segundo semestre.

O conceito de violência doméstica, bem como violência no namoro, e suas teorias, têm vindo a ser um dos principais focos de atenção a nível social e académico, devido à sua progressiva evolução (Manita, Ribeiro e Peixoto, 2009). Este fenómeno tornou-se um problema social em meados do século XX, a partir da década de 60 e, em Portugal, a partir da década de 90 (Caridade e Machado, 2006), concebendo a sua definição uma tarefa árdua e complexa, devido à panóplia de definições científicas e, constante, evolução do fenómeno.

Nesse seguimento, o presente estudo pretende contribuir para uma melhor compreensão da violência, dos fatores que podem estar subjacentes à realização do(s) ato(s) de violência e/ou da submissão a(s) esse(s) comportamento(s), fazendo referência, ainda, a determinados aspetos, como idade, família, grupo de pares, entre outros.

O presente trabalho encontra-se estruturado em dois grandes capítulos: o primeiro capítulo irá consistir numa revisão teórica do fenómeno, seguindo-se do segundo capítulo onde será proposto um estudo empírico.

Dessa forma, o presente estudo iniciar-se-à com uma introdução, onde será descrita uma breve estrutura do projeto de graduação, bem como de uma curta explicação do estudo em causa.

No primeiro capítulo concernente ao desenvolvimento do enquadramento teórico, em que o tema “Violência no Namoro” irá ser explorado minuciosamente, desde a conceptualização do conceito, aos diversos tipos de violência existentes, à descrição do ciclo de violência, sucedendo-se aos fatores de risco associados a este fenómeno e às crenças que os jovens apresentam relativamente ao fenómeno da violência nas relações íntimas.

No segundo capítulo será apresentada a componente empírica do projeto de investigação, sucedendo-se aos objetivos do mesmo, a metodologia, a caracterização da

amostra, os instrumentos necessários à recolha de dados, os procedimentos adotados, tal como dos resultados expectáveis.

Por fim, seguir-se-à as referências bibliográficas e os anexos referenciados ao longo do texto.

Com objetivo de analisar as taxas de incidência de ocorrência de violência no namoro em estudantes universitários, o presente projeto de investigação avança com uma hipótese proposta ao estudo em causa: aplicação de programas de prevenção e intervenção nas escolas, com intuito de promover a aquisição de conhecimentos e adoção de estratégias e comportamentos adequadas(os) para a conceção de relações saudáveis.

Dado que, segundo Callahan, Tolman e Saunders (2003), o sentido de tentar atenuar as consequências pejorativas que a vitimação pode advertir no ser humano, podem ser atenuadas com o desenvolvimento de programas de prevenção e de intervenção.

A metodologia utilizada no presente projeto de investigação baseou-se, na primeira fase, numa conceptualização da noção de violência no namoro e as suas implicações inerentes. Posteriormente, após uma revisão sistemática da literatura sobre os fatores de risco associados a este fenómeno, a investigadora pretende analisar a taxa de incidência em estudantes universitários e os motivos subjacentes à perpetração deste atos.

Esta triagem baseou-se no interesse da investigadora em explorar os fundamentos dos jovens para a empregabilidade da violência, tal como tentar perceber quais os seus conhecimentos sobre violência nas relações de intimidade, as suas práticas perante essa situação e, consequentemente, a prevalência de situações de vitimização e de atos apelantes à violência.

A intenção é de distribuir o questionário elaborado pelas instituições de ensino superior do Porto. A localidade escolhida foi por conveniência da investigadora, visto que reside na região do Porto e, simultaneamente, de acordo com o RASI relativo ao ano de 2018, em termos absolutos, o Porto continua integrado num dos distritos onde se registam mais ocorrências de violência doméstica (4.614).

Concluindo, a relevância científica deste projeto baseia-se na compreensão dos argumentos para a consumação de atos violentos, com objetivo de desenvolver estratégias, meios e modos de atuação para a redução do mesmo. Uma vez que, estudos indicam que a violência nas relações afectivo-sexuais nos jovens constitui um problema que necessita de intervenção e investigação científica (Razera, Cenci e Falcke, 2014).

I – Enquadramento Teórico

1.1. Violência nas Relações de Intimidade

A questão de Violência Doméstica (VD), sua definição, meios e modos de intervenção e prevenção têm sofrido modificações ao longo do tempo.

A Violência Doméstica é uma grave violação dos direitos humanos e uma problemática que se acentua desde os tempos da Antiguidade. Perante tal, este começou a ser encarado como um crime de carácter público desde 2000, com o artigo 152º do Decreto de Lei 7/2000, de 27 de maio, designado “Maus tratos ou sobrecarga de menores, de incapazes ou do conjugue” (Anexo I). Ou melhor, logo que o Ministério Público (MP) tem conhecimento da ocorrência do ato (não necessita de ser a vítima a apresentar queixa), obrigatoriamente, tem de iniciar um inquérito e proceder à investigação dos factos.

Atualmente, de acordo com o artigo 152º do Código Penal Português, tendo em conta a última alteração em 2019 até à data, o crime de Violência Doméstica (VD), incorpora o fenómeno de violência nas relações de intimidade (VRI). O artigo 152º apresenta-se posteriormente na figura 1:

Artigo 152.º

Violência doméstica

1 - Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais:

- a) Ao cônjuge ou ex-cônjuge;
- b) A pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação;
- c) A progenitor de descendente comum em 1.º grau; ou
- d) A pessoa particularmente indefesa, nomeadamente em razão da idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite;

é punido com pena de prisão de um a cinco anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.

2 - No caso previsto no número anterior, se o agente:

- a) Praticar o facto contra menor, na presença de menor, no domicílio comum ou no domicílio da vítima; ou
- b) Difundir através da Internet ou de outros meios de difusão pública generalizada, dados pessoais, designadamente imagem ou som, relativos à intimidade da vida privada de uma das vítimas sem o seu consentimento;

é punido com pena de prisão de dois a cinco anos.

3 - Se dos factos previstos no n.º 1 resultar:

- a) Ofensa à integridade física grave, o agente é punido com pena de prisão de dois a oito anos;
- b) A morte, o agente é punido com pena de prisão de três a dez anos.

4 - Nos casos previstos nos números anteriores, podem ser aplicadas ao arguido as penas acessórias de proibição de contacto com a vítima e de proibição de uso e porte de armas, pelo período de seis meses a cinco anos, e de obrigação de frequência de programas específicos de prevenção da violência doméstica.

5 - A pena acessória de proibição de contacto com a vítima deve incluir o afastamento da residência ou do local de trabalho desta e o seu cumprimento deve ser fiscalizado por meios técnicos de controlo à distância.

6 - Quem for condenado por crime previsto neste artigo pode, atenta a concreta gravidade do facto e a sua conexão com a função exercida pelo agente, ser inibido do exercício do poder paternal, da tutela ou da curatela por um período de um a dez anos.

*Figura nº 1: Artigo 152º Violência Doméstica do Código Penal Português presente no anexo I
(Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa, 2019).*

A Violência Doméstica define-se como qualquer ação ou omissão de natureza criminal, entre pessoas que residam, ou não, no mesmo espaço comum, designadamente êx-cônjuges ou cônjugues, ex-companheiro(a) ou companheiro(a), ex-namorado(a) ou namorado(a), progenitor de descendente comum, ascendente ou descendente, e que decrete sofrimento: físico, psicológico, sexual e/ou monetário (APAV, 2012). Nessa continuidade, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima realiza uma divisão do conceito de Violência Doméstica, distinguindo-o em duas partes: violência doméstica em sentido estrito e em sentido lato.

A violência em sentido estrito relaciona-se com os atos criminais enquadrados no artigo 152º do Código Penal Português (CPP), tais como maus tratos físicos; maus tratos psíquicos; ameaça; crimes sexuais; entre outros. A violência doméstica no sentido lato incorpora atos criminais em contexto doméstico, por exemplo violação de domicílio ou perturbação da vida privada; devassa da vida privada; revelar segredos e factos privados; entre outros (APAV, 2012).

No que concerne à OMS (2002), a Violência Doméstica ou Conjugal salienta-se como um comportamento que ocorre no âmbito de uma relação amorosa/conjugal, com intuito de causar dano físico, psíquico e/ou sexual ao outro. Estes atos podem, ainda, ser evidenciados pelo controlo dos movimentos e comportamentos do outro, sendo capaz de limitar o encontro com outros indivíduos que faziam parte da sua vida, como família e amigos (Krug *et alii.*, 2002).

Nessa linha de pensamento, Machado e Gonçalves (2003), designam este fenómeno de violência como uma oportunidade para induzir uma atitude dominante sobre o outro, ou melhor, “resulta de uma ordem hierárquica”.

Conforme as Estatísticas do Relatório Anual da APAV (2018), das 9.344 vítimas apoiadas por esta instituição, 6.928 (74,1%) foram vítimas de violência doméstica.

Apesar de o conceito de “Violência Doméstica”, no campo jurídico, abranger múltiplos crimes, tendo como exemplo a violência contra idosos, a violência filio-parental, ao longo do presente projeto de graduação, irá ser abordado o conceito de “Violência nas Relações de Intimidade” (VRI), como uma forma de violência doméstica que engloba todo o tipo de relacionamentos íntimos, informais e ocasionais (Fernandes, 2016).

A Violência nas Relações de Intimidade ou, internacionalmente conhecida, como *dating violence*, representa-se como uma problemática de saúde pública, uma vez que este tipo de relações são, por vezes, elencadas por algum tipo de comportamentos de índole abusivo (Paiva e Figueiredo, 2003).

Estudos indicam que relações violentas na intimidade juvenil tendem a se prolongar no tempo, aumentando a sua frequência e gravidade (González-Ortega, Echeburúa e Corral, 2008). Salientando este estudo, O’Leary *et alii*. (1989) afirmam que o abuso se verifica no início da fase do namoro e prevalece na mesma, prosseguindo até ao casamento, denotando-se uma continuidade no tempo.

Segundo Manita, Ribeiro e Peixoto (2009), a VRI relaciona-se como sendo todo o tipo de relacionamentos e não, apenas, a “conjugalidade *strictus sense*”, ou seja, aborda a violência entre homossexuais e heterossexuais, violência entre namorados(as) ou companheiros(as), entre outros.

Em síntese, a VRI foi sendo, ao longo dos anos, encarada como um problema social pertinente, visto que estão em causa os direitos e dignidade dos cidadãos, merecendo atenção e estratégias de intervenção e prevenção (Callahan, Tolman & Saunders, 2003).

1.2. Violência nas Relações de Intimidade Juvenis

1.2.1. Adolescência e Namoro

A transição da infância para a adolescência é complexa e multidimensional, importunando mudanças em diversos aspectos (Santrock, 2003).

A adolescência configura-se como uma fase desenvolvimental do sujeito que se inicia na puberdade e termina no início da fase adulta (Papalia, Olds & Felman, 2006).

Este desenvolvimento está determinado por um conjunto de processos biológicos, cognitivos e sócioemocionais (Santrock, 2003). Ou seja, o adolescente irá atravessar fases de mudança física no seu corpo, de pensamento e inteligência, bem como de oscilações emocionais e modificação na forma de ser e estar com outras pessoas e o papel que estas desempenham no seu contexto social (Santrock, 2003).

Em suma, as suas áreas de desenvolvimento vão-se consolidando e clarificando à medida que estes começam a estabelecer uma identidade, incluindo uma identidade sexual e de género (Jackson, 1999). Este é um período de aprendizagem e promoção de certas competências sociais e relacionais (Hickman, Jaycox e Aronoff, 2004).

Durante esta fase, os adolescentes dispõem de um maior desejo de independência, acompanhando por um incremento de conflitos com os pais e uma maior motivação para despender tempo com os(as) seus(suas) amigos(as), começando-se a formar as relações amorosas (Hickman, Jaycox e Aronoff, 2004).

Como foi supracitado anteriormente, geralmente, a violência no namoro inicia-se na adolescência, tendo em conta a vulnerabilidade dos adolescents em experienciarem situações abusivas (Caridade e Machado, 2006) e continua, por vezes, na relação conjugal se não for detetada e não ocorra uma intervenção (Cano *et alii.*, 2000).

Alguns autores defendem que os jovens na adolescência, por vezes, têm dificuldade em identificar situações de violência nas suas relações amorosas, devido ao desconhecimento do que é uma relação afetivo-sexual saudável ou pela banalização do conceito de violência, podendo adotar uma postura de legitimização, concebendo determinadas práticas como manifestação de amor e/ou ciúme (Oliveira *et alii.*, 2014).

O namoro, para Straus (2004), compreende-se como um relacionamento dinâmico, que envolve uma intimidade com propósito de socialização e de desempenhar

atividades com essa pessoa com intenção de, implícita ou explicitamente, formalizar a união. Tal união pode ser manifestada através de coabitação, casamento, entre outros.

Já para Bertoldo e Barbará (2006), o namoro assinala-se pela conexão que duas pessoas sentem uma pela outra e, ainda, a adesão de uma pessoa a uma relação específica.

As relações de intimidade são complexas e têm vindo a sofrer modificações ao longo do tempo. Assim, Manita, Ribeiro e Peixoto (2009), identificam o relacionamento íntimo como uma troca de sentimentos e emoções, delineado pelo respeito mútuo, bem como uma constante partilha de projetos de vida.

Na mesma linha de ideia, Duarte e Lima (2006), apontam o namoro como uma relação amorosa entre duas pessoas, independentemente do sexo dos sujeitos, sem vinculação marital.

1.3. Violência no Namoro

1.3.1. Conceptualização do Conceito

Ao longo dos anos, o fenómeno de violência foi sofrendo diversas definições e meios/métodos de atuação, porém, foi no século XX, na década de 60, que a violência doméstica começou a adquirir maior visibilidade aos olhares da comunidade científica e da sociedade (Manita, Ribeiro e Peixoto, 2009), devido ao problema multidimensional e social que abrange.

Simultaneamente, com o surgimento dos movimentos feministas nos anos 40, ocorreu um movimento de pressão na década de 60, contribuindo num maior enfoque nas vítimas e a obter uma representação mais objectiva da criminalidade e da vitimação.

Como foi supracitado anteriormente, a violência atingiu maior destaque a partir da década de 60/80 com o estudo pioneiro de James Makepeace (1981), quando analisou que um em cada cinco estudantes universitários eram vítimas de violência nas relações íntimas (Caridade e Machado, 2006). Nesse sentido, após várias investigações relacionadas neste âmbito, através de inquéritos administrados à população, concluiu-se que esta abarca, não só, problemas maritais, como sujeitos com idades prévias.

A definição de violência é uma tarefa árdua, devido à multiplicidade de definições existentes na literatura. Assim, o conceito de violência nas relações de intimidade torna-se, igualmente, um desafio devido aos diversos fatores envolvidos, como cultura, legislação de cada país, entre outros. Segundo Lourenço *et alii.* (1997), os contextos socioculturais têm um peso relevante na interpretação do ato de violência.

A temática da violência não é um tema recente, ou seja, este permanece na sociedade desde a Antiguidade (Krug *et alii.*, 2002). Não obstante, esta prática debutou maior relevância a partir da década de 80 (Hayeck, 2009).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2002), a violência constitui-se como o uso intencional da força ou poder contra si ou terceiros, cujo resultado final, pode ou não, suceder-se na lesão, física e/ou psicológica da pessoa, e/ou afete os seus direitos enquanto cidadão (Krug *et alii.*, 2002).

A violência no namoro tem vindo a ser foco de estudo por parte da comunidade científica, sendo que vigoram várias definições na literatura, da mesma maneira que o antes era considerada legítima, atualmente, já não se verifica.

Smith e Donnelly (2000) definem a violência no namoro como uma relação amorosa onde são perpetrados atos de abuso de caráter físico, emocional e sexual. Análoga a esta ideia, advém a classificação por parte do Centers for Disease Control and Prevention (2014), onde segundo a mesma classificação, a violência é exercida por um dos indivíduos, podendo assumir formas de índole sexual, físico, emocional e de assédio, por exemplo, perseguição, acesso indevido a dispositivos eletrónicos, contas, entre outros.

Segundo Lavoie, Robitaille e Hébert (2000), a violência num relacionamento íntimo ocorre quando um dos companheiros está a ver a sua integridade, física e/ou psicológica, ser posta em causa, bem como sofre com as repercussões negativas da ligação que estabelece com o outro.

1.3.2. Dados Epidemiológicos sobre a Problemática

Os estudos científicos na área da violência do namoro surgiram com a necessidade de explorar esta temática e tentar perceber o porquê de a mesma apresentar evidências tão elevadas na população jovem, não se restringindo ao abuso conjugal e marital (Caridade e Machado, 2006; Offenhauer, 2011).

Como foi supracitado anteriormente, o estudo de Makepeace (1981) foi considerado como a investigação pioneira na área da violência nas relações de intimidade juvenis, revelando cada um em cinco relacionamentos, existentes em estudantes universitários, indiciavam algum tipo de abuso. A partir de então, esse tema começou a ter um foco especial na comunidade científica, despoletando vários estudos, principalmente, com jovens universitários (Cleveland, Herrera e Stuewig, 2003).

Seguidamente, começaram a surgir novas pesquisas nesse âmbito, como o de Magdol *et alii.* (1997) evidenciando que a prevalência de violência no namoro ocorre entre os 21,8% e os 55,8% em jovens adultos.

Corroborando esta informação encontra-se o estudo de Berry (2000) demonstrando que 20%-30% dos jovens envolvidos num relacionamento íntimo já experienciaram algum tipo de violência.

De acordo com Smith, White e Holland (2003), a prevalência de vitimização por violência no namoro, no ensino médio é de 26,1% das 1545 pessoas inquiridas, relativamente à violência física e sexual, sendo que o abuso sexual apresenta resultados mais elevados e é, também, mais frequente no sexo feminino.

Já num estudo realizado por Machado, Caridade e Martins (2009), com 4667 indivíduos entre os 13-29 anos de idade, verificou-se que 42,2% eram do sexo feminino e 57,7% do sexo masculino, a frequentar diferentes níveis de ensino, desde secundário até universitário, tendo os investigadores concluído que, desses sujeitos, 30,6% relataram ter perpetrado, pelo menos, um ato de abuso ao seu companheiro/a durante o ano anterior. Assim como, 25,4% referiu ter sido vítima de, pelo menos, um ato abusivo durante o ano anterior.

Para além destas evidências, Caridade (2011) elaborou um estudo com jovens de idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos de idade, a frequentar diferentes níveis de formação e de várias áreas geográficas, sendo que os resultados indicaram que 19,5% dos indivíduos já haviam sofrido de violência emocional, 13,4% de violência física e 6,7% de ofensas consideradas mais graves.

Outra investigação com jovens do ensino secundário e superior demonstrou que, numa amostra de 600 alunos, 43,2% referiu já ter praticado, pelo menos, um ato abusivo ao(à) companheiro(a), sendo 30,1% de natureza física, e 37,3% ter sido alvo de

vitimação por parte do(a) companheiro(a), em que 20,4% era de índole físico (Antunes e Machado, 2012).

Recentemente, uma investigação levado a cabo pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (2015) com 2500 jovens entre os 12-18 anos de idade, das cidades de Porto, Braga e Coimbra referiram já ter vivenciado uma relação de violência onde 8,5% correspondia a vitimação psicológica, 5% de violência física e 4,5% de violência sexual.

Em suma, através destas investigações científicas é possível denotar que, apesar das diferenças que possam ocorrer nos resultados obtidos, em geral, pode-se concluir que é necessário prevenir e informar, cada vez mais, a população, dos atos que incorporam violência, assim como desmitificar mitos que possam existir, associados a este fenómeno. Uma vez que, as relações maritais, normalmente, derivam de relacionamentos amorosos violentos (Lavoie, Robitaille e Hébert, 2000).

No que concerne a dados internacionais, Straus (2004) desenvolveu uma investigação em 31 universidades de 16 países, incluindo Portugal, onde verificou que, no ano anterior, 29% dos estudantes tinham sido vítimas de violência física e que a taxa de prevalência dos abusos variava entre os 17%-45%.

Do mesmo modo, vários estudos indicam que a prevalência de violência nas relações de intimidade, especificamente física, oscila entre os 21,8% e os 60%, sendo um desses exemplos o estudo de Katz, Kuffel e Coblenz (2002).

Com o passar dos anos tem-se assistido a um acrescido número de estudos científicos relativamente a violência nas relações de intimidade.

Associado a este fenómeno, vários autores defendem a ideia de que o homem é o principal perpetrador e a mulher a vítima central, como é o caso de Coker *et alii*. (2000). Do mesmo modo que Bachman e Saltzman (1995), corroboram que as mulheres experienciam seis vezes mais a violência física num relacionamento íntimo, quando comparando com os homens.

Não obstante, pesquisas nacionais e internacionais acreditam que as agressões praticadas contra o(a) companheiro(a) no seio de um relacionamento íntimo são de igual percentagem para ambos, ou seja, a percentagem de troca de agressões é semelhante, como afirma Straus (2004), por exemplo.

Na mesma linha de pensamento de Straus, Harned (2001) desenvolveu um estudo com estudantes universitários onde a violência exercida contra o/a parceiro/a era semelhante em ambos os sexos. Todavia, a única diferença consistia na forma como os mesmos experienciavam o abuso, isto é, os homens relatavam sofrer de mais agressões a nível psicológico (87% *versus* 82%), comparativamente às mulheres que relatavam mais vitimação sexual (39% *versus* 30%).

Ratificando esta informação, um estudo desenvolvido por Molidor e Folman's (1998, cit. in Worcester, 2002), atestou que, apesar de a violência exercida ser igual para ambos os parceiros, a nível qualitativo estes diferem, dado que as mulheres são vítimas de abuso considerado mais “severo”, salientando, também, as consequentes reações psicológicas.

Sem embargo, Saunders (2002) enaltece a importância de não olhar unicamente para os resultados obtidos nos estudos mas, igualmente, avaliar as circunstâncias em que ocorrem e as motivações, defendendo que, na maioria das vezes, esta violência exercida pelo sexo feminino é em auto-defesa aos atos praticados.

Assim sendo, é necessário ter em consideração o contexto social e histórico, bem como a metodologia utilizada, visto que a forma como a violência é percebida e reportada difere, podendo levar a distorções na leitura dos resultados (Dobash e Dobash, 2004).

1.3.3. Tipologias de Violência

Ao longo do presente projeto de investigação foi possível denotar que a definição do conceito de violência não é consensual, podendo adquirir diferentes formas e significados, tendo em conta o contexto sociocultural e histórico.

Desta forma, parece-nos relevante tentar definir e distinguir os diversos tipos de violência que podem ocorrer no ambiente de uma relação amorosa. A violência no namoro é composta por três grandes categorias, designadamente: abuso físico, psicológico e/ou emocional e sexual (Caridade e Machado, 2006).

A violência física ocorre quando o agressor controla o(a) companheiro(a), exercendo força sob o(a) mesmo(a), tal como coagir outra pessoa a praticar atos, como: empurrar, bofetear, estrangular, entre outros (APAV, 2012; Breiding *et alii.*, 2015). Uma outra definição de violência física, segundo Mouzos e Makkai (2004), inclui as

agressões físicas, o uso da força física sob o(a) companheiro(a), com intuito de magoar e/ou marcar a vítima, assim como as tentativas e/ou ameaças físicas.

Segundo uma pesquisa elaborada com estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 18-25 anos de idade, um em cada quatro jovens encontra-se numa relação de intimidade violenta (Miller, 2011). Quanto à violência física, Hickamn, Jaycox e Aronoff (2004) afirmam que a percentagem oscila entre os 26%-46%, em comparação à sexual que varia entre os 3%-12%.

Outro estudo realizado por Gover, Kaukinen e Fox (2008), com jovens universitários (2541), concluíram que 29% dos jovens perpetraram violência física contra o(a) companheiro(a) no ano anterior e que 22% foram vítimas deste tipo de abuso.

Reafirmando esta conceção verifica-se numa pesquisa desenvolvida por Dye e Eckhardt (2000) com estudantes universitários (95 homens e 152 mulheres) que 27% já perpetraram algum tipo de abuso físico contra o(a) companheiro(a) no ano anterior.

No que concerne à violência psicológica e/ou emocional, esta define-se como qualquer ato verbal ou comportamental, adotado por um dos companheiros da relação, com objetivo de infligir ao outro uma sensação de medo e/ou receio, podendo-se traduzir em atitudes como: insultar, isolar, intimidar, ameaçar, entre outros (Follingstad, Coyne & Gambone, 2005; APAV, 2012).

De acordo com Paiva e Figueiredo (2004), num estudo realizado em universidades portuguesas, 53,8% dos estudantes praticaram abuso psicológico, 18,9% coerção sexual e 16,7% abuso físico.

Um estudo desenvolvido, mais tarde pelas mesmas autoras, com uma amostra de 318 estudantes universitários, de idades compreendidas entre os 19-24 anos, afirmam que o abuso psicológico é o mais reportado, quer a nível de perpetração (53,8%), quer a nível a vitimação (50,8%). Apesar disso, demonstram, ainda, que os homens exercem mais coerção sexual, em comparação às mulheres, contudo, a percentagem de abuso físico onde resultam sequelas é mais elevado (Paiva & Figueiredo, 2005).

Relativamente à violência sexual, esta é entendida como um ato sexual, na forma tentada ou consumada, sem consentimento da vítima, por esta recusar ou ser incapaz de a consentir, nomeadamente: forçar e/ou pressionar o(a) companheiro(a) para ter relações sexuais, coagir e/ou forçar a vítima a exercer esses atos com outros sujeitos,

assim como realizar de forma forçada relações sexuais desprotegidas, através de atitudes forçadas à vítima, entre outros (APAV, 2012; Breiding *et alii.*, 2015).

A violência sexual, apesar de muitos autores se centrarem no seu estudo em contexto universitário, este é um fenómeno que abrange todas as faixas etárias, podendo ocorrer em idades mais precoces, como na adolescência ao nível do secundário (Caridade e Machado, 2008).

Uma investigação científica desenvolvida por Schwartz e DeKeseredy (1997, cit. in Oliveira e Sani, 2005) demonstram que uma em cada quatro estudantes universitárias foram vítimas de comportamentos abusivos. Para além disso, o seu estudo revela que estes resultados se devem ao facto de as mesmas terem uma noção diferente do conceito de “violência sexual”, não incorporando determinados atos como violência, acabando, de certo modo, por legitimá-lo ou, então, por desvalorizarem o ato em si, acreditando que foi uma ação isolada.

Já um estudo mais recente com 3480 participantes, em 10 países europeus, entre eles Portugal, com idades compreendidas entre os 18-27 anos, concluiu que a percentagem de mulheres que experienciou, pelo menos, um acontecimento de violência sexual oscilava entre os 19,7%-52,2%, em comparação com os homens que variavam entre os 10,1%-55,8% (Krahé *et alii.*, 2015).

De acordo com O’Keefe e Treister (1998), os homens relatam mais abuso físico comparativamente com as mulheres que relatam mais abuso sexual.

1.3.4. Ciclo da Violência

O ciclo da violência surgiu com a necessidade de informar/alertar as vítimas de que existem “dinâmicas da violência” e que, por isso, é necessário ter em atenção certos comportamentos e atitudes, bem como o porquê de, por vezes, ser tão difícil “abandonar” a relação de intimidade que mantém com o/a parceiro/a (Manita, Ribeiro e Peixoto, 2009).

Este ciclo, de acordo com a APAV (2012), pode-se dividir em três fases, designadamente: 1) “acumulação/aumento de tensão”, 2) “ocorrência de agressão” ou “ataque violento” e 3) “reconciliação” ou, conhecida como “lua-de-mel”. De acordo com vários autores, este ciclo vai-se repetir sucessivamente ao longo do tempo,

podendo interferir na sua intensidade e duração (APAV, 2012; Manita, Ribeiro e Peixoto, 2009).

No que diz respeito à primeira fase, denominada como “acumulação/aumento de tensão”, esta ocorre quando o agressor, perante situações de divergência e/ou conflito, não consegue colocar em prática técnicas de negociação, bem como de apaziguação, optando por comportamentos/attitudes de controlo sobre a vítima, criando, assim, um momento de tensão (Manita, Ribeiro e Peixoto, 2009).

Este aumento de tensão pode derivar de acontecimentos considerados “banais” do quotidiano, ou de palavras proferidas pela vítima que o agressor não “gostou” de ouvir, ou por não ter atendido o telemóvel, entre outras situações. Para além disso, esta tensão aumenta a probabilidade de situações de perigo iminente para a vítima (APAV, 2012).

Na segunda fase, também conhecida como “ocorrência de agressão” ou “ataque violento”, o agressor adota uma postura mais violenta, combinando agressão psicológica, com agressão física. É nesta fase que o agressor tentar desculpabilizar ou minimizar os seus atos, fazendo referência a possíveis razões para as suas atitudes, podendo atribuir uma certa responsabilidade à vítima (Manita, Ribeiro e Peixoto, 2009; APAV, 2012).

Além do mais, nesta fase tende a ocorrer um aumento de frequência e intensidade dos atos violentos (APAV, 2012).

Na última fase, “reconciliação” ou, a designada, “lua-de-mel”, o agressor segue a linha de pensamento que adotou na fase anterior, isto é, continua a manifestar comportamentos/attitudes de arrependimento e/ou de desculpabilização dos seus atos. Nesse seguimento, o mesmo vai “adicionar” palavras de conforto à vítima, para que a mesma acredite que foi a última ou, então, única vez que se iria comportar daquela forma (Manita, Ribeiro e Peixoto, 2009).

Assim, o agressor altera o seu comportamento tornando-se afetuoso e carinhoso com a vítima, com intuito de esta não abandonar a relação, podendo-se caracterizar por um período calmo (APAV, 2012).

A compreensão das fases envolventes deste ciclo é complexa e evolutiva. Ou seja, numa primeira fase, a vítima pode desculpabilizar o agressor, acreditando que o

seu comportamento foi um caso pontual e que não se irá repetir. Contudo, conforme o relacionamento íntimo vai evoluindo, a violência sofre uma escalada quer na frequência quer na gravidade (APAV, 2012), sendo que a vítima vai chegar a uma situação relacional onde vai perceber que já não tem “controle” na sua relação (Manita, Ribeiro e Peixoto, 2009).

Em síntese, o ciclo da violência é composto por três fases, do qual a primeira fase, com o decorrer do tempo, vai-se intensificando e prolongando-se no período e, a terceira fase, e última, vai-se estandardizando-se como sendo a mais curta e, por vezes, pode-se tornar inexistente (APAV, 2012; Manita, Ribeiro e Peixoto, 2009).

Ao nível do namoro, este ciclo expressa-se na mesma forma, isto quer dizer, os padrões de relacionamento são semelhantes. Todavia, com o passar dos anos, regra geral, os indivíduos vão adotando uma nova definição de “namoro”, levando ao reconhecimento de que não têm culpa (Ismail, Berman e Ward-Griffin, 2007).

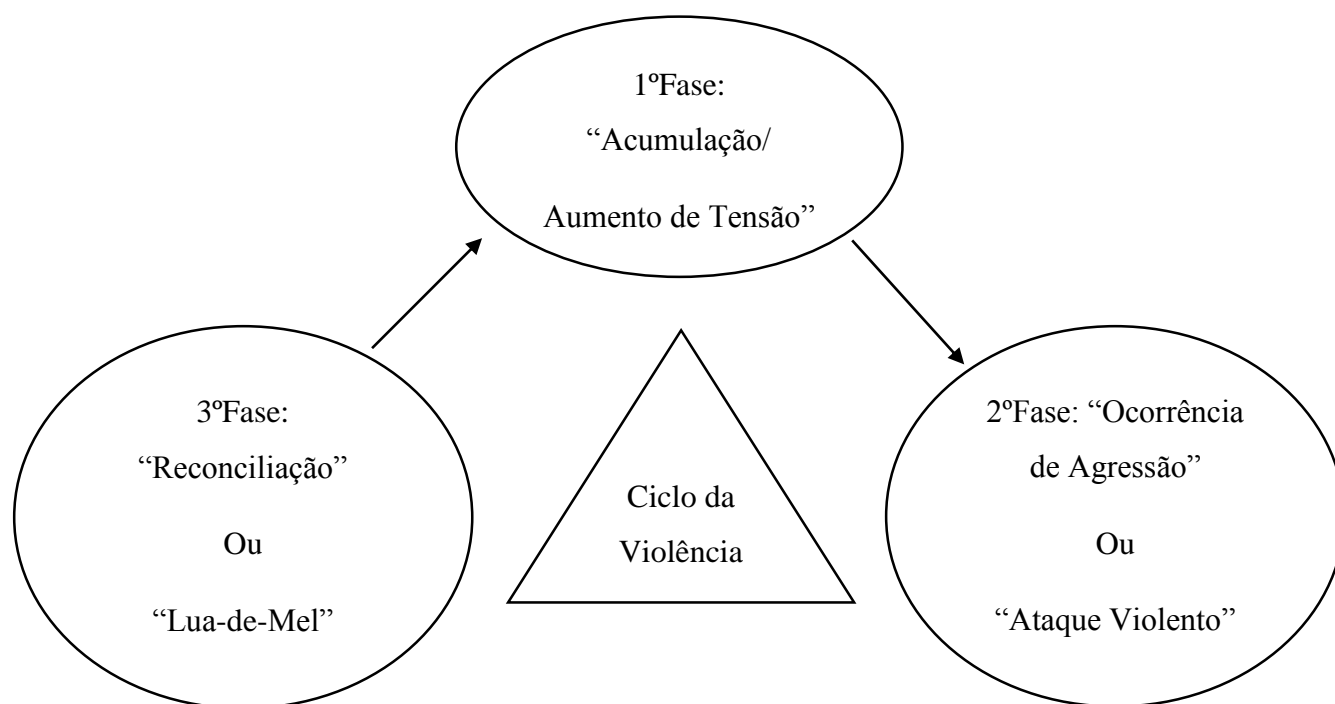


Figura nº 2: Ciclo da Violência Doméstica baseado no evidenciado pela APAV (APAV, 2012).

1.3.5. Fatores Predisponentes para a Violência

A violência nos relacionamentos íntimos, bem como a violência de um modo geral, assume um caráter complexo e multifacetado (Matos, 2014), assim, tendo em vista a generalização do conceito, qualquer indivíduo, independentemente do grupo social, faixa etária, não está imune às suas consequências (Matos *et alii.*, 2009).

À vista disso, este fenómeno pode ser explicado por uma diversidade de fatores (Paiva & Figueiredo, 2003). O conhecimento dos fatores de risco associados a este fenómeno podem ser de grande relevância, tendo em vista a elaboração de programas de prevenção e intervenção (Paiva e Figueiredo, 2003).

No que concerne à definição de “fatores de risco”, Coie *et alii.* (1993, cit. in Schenker e Minayo, 2005) definem os mesmos como sendo qualquer variável/influência que favoreça a probabilidade de aparecimento de uma determinada situação, apresentando maior gravidade, duração e “toxicidade” no decorrer do tempo.

A literatura tem vindo a identificar fatores que poderão estar associados à violência nas relações íntimas, os quais têm sido agrupados por categorias (Caridade, 2011), designadamente: familiares (ex.: práticas parentais maltratantes), ambientais (ex.: características do grupo de pares), sociodemográficos (ex.: género), intrapessoais (ex.: autoestima), interpessoais (ex.: estratégias de resolução de problemas) e situacionais ou contextuais (ex.: consumo de álcool e/ou drogas).

Primeiramente iremos abordar os fatores familiares que, como o nome indica, são referentes à influência que a família tem sob o indivíduo, nomeadamente na adoção de determinar certos comportamentos.

Sem embargo de existir múltiplas razões para a violência nas relações de namoro, vários estudos sugerem o contexto familiar como um preditor basilar para o seu acontecimento (Calvete *et alii.*, 2018; Izaguirre e Calvete, 2016).

A família surge como o primeiro local de aprendizagem com quem a criança tem contacto após o seu nascimento, adquirindo como referência os comportamentos e atitudes desempenhados pelos modelos de figuras parentais. Assim, a família constitui-se como um local de socialização primária (Oliveira e Sani, 2009). Desta forma, as crianças vão reproduzir o que observam e aprendem no contexto familiar para ambientes extrafamiliares.

Esta ideia vai de encontro com a Teoria da Aprendizagem Social alegando que os comportamentos são apreendidos através da observação e imitação dos comportamentos dos outros (Bandura, 1986, cit. *in* Bandura, 1999) e mantém-se através do reforço.

Enúmeros estudos indicam que a família tem um papel crucial na transmissão de hábitos agressivos para as crianças. Isto verifica-se à medida que pais que utilizam a punição física, verbal e/ou psicológica para castigar os seus filhos, recorrem, constantemente, a meios abusivos para comunicar com os mesmos e/ou o(a) companheiro(a), em vez de aludir à resolução de conflitos como um meio principal, indiretamente, estão a aumentar a probabilidade de contribuir para os futuros comportamentos agressivos dos filhos (Wolfe, David e Jaffe, 1991). Para além disso, estão a mostrar que a violência é um meio adequado na resolução de conflitos.

Nesta conceção, a família é entendida não só como um meio para incutir condutas agressivas como, também, para interiorizar certos valores ideológicos e sociais (Oliveira e Sani, 2009).

Várias investigações científicas com adolescentes e estudantes universitários, com carácter longitudinal, indicam que indivíduos que testemunharam violência marital na infância, apresentam uma maior pré-disponibilidade de perpetrar e/ou sofrer de vitimação nas suas relações de intimidade, porém com efeitos mínimos (Calvete *et alii.*, 2018; Izaguirre e Calvete, 2016).

Tendo em consideração que o indivíduo está exposto à violência desde que é criança, aprendida através da observação e modelagem das figuras parentais, podemos afirmar segundo a Teoria da Aprendizagem Social, que o abuso é uma prática “normal” e, portanto, a probabilidade de o legitimar é mais elevada (Riggs e O’Leary, 1996).

Um estudo levado a cabo por Paiva e Figueiredo (2003) concluiu que crianças expostas à violência no seio familiar, sendo vítimas diretas e/ou indiretas, apresentam maiores probabilidades de ter um relacionamento íntimo futuro marcado por violência.

Outra investigação realizada por Narayan, Englund e Egeland (2013) analisou a exposição da violência na infância e no início da adolescência, procurando verificar se estes influenciavam na perpetração e/ou vitimação nos relacionamentos íntimos posteriores (23 e 26 anos de idade).

Numa linha semelhante, a Teoria da Vinculação acredita que experiências na infância e os padrões de interação que as crianças têm com as suas figuras parentais vão influenciar, indiretamente, no modo como o menor se vai comportar no futuro e o tipo de relações que é mais presumível vir a estabelecer (Paiva e Figueiredo, 2003).

Assim, se uma criança experienciar na infância um modelo de vinculação “seguro”, a tendência é de esta, no futuro, tentar encontrar um(a) parceiro(a) com um vínculo “seguro”. Ou seja, se a criança teve uma infância pautada de ações afetuosas por parte dos pais, um bom relacionamento com os mesmos, entre outros, tudo isto vai ser um forte preditor para o indivíduo estabelecer boas relações com outros no futuro (Shaver e Hazan, 1993, cit. *in* Paiva e Figueiredo, 2003).

Caso se verifique um estilo de vinculação “insegura”, a possibilidade de conceber um relacionamento íntimo elencado de atitudes e comportamentos “menos” positivos e com menos afeto é mais elevado (Simpson, 1990).

No que se refere aos fatores ambientais, pode-se ter em consideração características dos grupos de pares e a violência exercida na comunidade e na escola (Caridade, 2011).

O grupo de pares é, também, um dos fatores que mais intervêm no comportamento futuro do indivíduo, dado o tempo que os mesmos estão em interação. Por outras palavras, quando o indivíduo inicia a sua vida escolar (infantário ou primária), para além de ocupar grande parte do seu tempo com os(as) seus(suas) amigos(as), este ainda está a construir as suas normas e valores. Assim, indiretamente vai estar a ser instigado a adotar certos valores e atitudes, através da observação do comportamento dos outros (Barros, 2014).

Na condição de os adolescentes observarem comportamentos violentos, principalmente, nas relações íntimas, ocorre uma maior tendência para reproduzir os mesmos atos em futuras relações (Arriaga e Foshee, 2004).

Um estudo longitudinal desenvolvido por Foshee *et alii.* (2013) com jovens a frequentar o ensino secundário (3412) concluiu que adolescentes que têm amigos que praticam violência no namoro, assim como raparigas de nível socioeconómico mais elevado, têm mais probabilidade de exercer este tipo de abuso nos seus relacionamentos. Em contrapartida, adolescentes com melhor qualidade nas relações com os seus amigos,

bem como raparigas com crenças pró-sociais, têm tendência a não recorrer a esses tipos de atos nas suas relações amorosas.

Segundo Ellis, Chung-Hall e Dumas (2013), adolescentes com amigos que perpetuam violência nos seus relacionamentos, aumentam significativamente a probabilidade de os mesmos recorrerem a esse tipo de práticas, tanto na sua perpetuação como na vitimação.

Quanto a outros contextos sociais, pode-se salientar a comunidade e a escola onde, de acordo com O'Keefe (1998), vão favorecer a modelagem de comportamentos agressivos, do mesmo modo que aumentam as hipóteses de sofrer ou perpetrar violência.

Um estudo foi conduzido por Oliveira e Campos (2003, cit. *in* Guimarães e Campos, 2007) sobre a representação social da violência as escolas, tentando perceber a sua etiologia e perceção dos adolescentes em relação a este fenómeno. Assim, concluíram que a violência encontra-se presente na escola e no quotidiano dos jovens.

Com a mesma ideologia apresentam-se Richters e Martinez (1993, cit. *in* O'Keefe, 1998) argumentando que a comunidade e a escola intervêm no comportamento emocional e funcional das crianças.

No que concerne aos fatores sociodemográficos, apesar de abrangerem vários tópicos como idade, etnia, nível socioeconómico, entre outros, a literatura realça o género como sendo o estudo mais preponderante relativamente a esta temática (Archer, 2000).

Segundo vários estudos presentes na literatura, é referido que o homem é o principal perpetrador e a mulher a vítima (Caridade e Machado, 2006). De acordo com Beserra *et alii.* (2016), numa amostra de 1268 adolescentes (63,6% sexo feminino e 36,4% sexo masculino) a frequentar o ensino secundário, com idades compreendidas entre os 14-19 anos, foi constatado que o sexo masculino apresentava uma perpetração de violência mais elevada comparativamente ao sexo feminino.

Apesar de existirem estudos que seguem a mesma linha de raciocínio (ex.: Coker *et alii.*, 2000). Outros autores defendem o oposto, como é o caso de Paiva e Figueiredo (2004).

Segundo uma meta-análise realizada por Archer (2000), com base em autorrelatos de homens e mulheres, foi constatado que as mulheres apresentavam maior predisposição em praticar atos abusivos físicos contra os seus parceiros, em comparação com os homens os quais relataram que os níveis eram semelhantes, contudo, com maior probabilidade de o dano causado ser superior.

Numa investigação elaborada por Swan e Snow (2003) com 118 mulheres, evidencia que 9% destas iniciaram o abuso físico contra os seus companheiros e que 83% das mulheres, que já haviam sido anteriormente vítimas, relataram ter iniciado a violência.

Outro estudo neste âmbito foi a de Capaldi, Kim e Shortt (2007) revelando que as mulheres apresentam taxas de iniciação de violência física mais elevadas que os homens, principalmente, a partir dos 18 anos de idade, mantendo esta tendência até aos 26 anos de idade, idade esta, onde a perpetração da violência começa a ser proporcional.

Segundo um estudo levado a cabo por Medeiros e Straus (2006), numa situação de relacionamento íntimo, quando existe um(a) parceiro(a) mais “dominante” que o outro, a probabilidade de essa pessoa exercer violência sob a outra é maior, independentemente do género.

Reafirmando esta posição destaca-se um estudo levado a cabo por Paiva e Figueiredo (2004), onde expôs que a perpetração de abuso físico, sem sequelas, era executado por ambos os sexos, não havendo diferenças estatísticas significativas (19,6% de mulheres *versus* 13,0% de homens). Quanto ao abuso físico com sequelas, verifica-se que, apesar de ambos perpetrarem, é mais exclusivo das mulheres (41,7%) comparativamente com os homens (8,3%).

Na perspetiva de Roberts e Klein (2003), a frequência de abuso nos relacionamentos íntimos é semelhante para ambos os sexos, respetivamente 21% (sexo masculino) *versus* 22,1% (sexo feminino).

Do ponto de vista de Saunders (2002), os autores que afirmam que a violência entre ambos os sexos não se diferencia, deviam levar em consideração a génese do problema, uma vez que, segundo o autor, estas perpetuam violência no sentido de se defender do “ataque” inicial, atuando numa posição defensiva como, por exemplo, nas situações de violência doméstica.

Incorporado nos fatores ambientais pode-se realçar, ainda, a educação e o nível socioeconómico dos indivíduos, embora que, de acordo com Caridade (2011), os resultados relativos ao nível socioeconómico dos sujeitos sejam pouco consistentes.

Alguns autores como Matos, Gonçalves e Gaspar (2005) e Cunradi *et alii.* (2000), alegam que sujeitos com nível socioeconómico mais baixo apresentam uma maior predisposição para comportamentos violentos.

Na mesma linha de pensamento consta Castro e Ruiz (2004) reafirmando que jovens de níveis socioeconómicos mais baixos tendem a adotar atitudes violentas. De acordo com O'Keefe (1998), esta atitude violenta pode derivar e/ou estar associada a outros fatores como: *stress* associado a dinheiro ou emprego, dificuldades financeiras, entre outros.

Já para Antunes e Machado (2012), segundo um estudo desenvolvido com estudantes de ensino secundário e universitário, demonstram que o fator sócioecómico não teve influência tanto na perpetração, como na vitimação dos indivíduos.

Em referência à educação dos sujeitos, alguns estudos referem os baixos níveis de educação como um dos fatores centrais para a perpetração e vitimação de abuso, como é o caso de Ackerson *et alii.* (2008) e de Caetano, Ramisetty-Mikler e McGrath (2004).

Consoante estes autores, a probabilidade de as mulheres se envolverem em algum tipo de violência é duas a cinco vezes superior àquelas que possuem níveis mais elevados de educação. Nos homens verifica-se a mesma situação, na medida que a escassez de níveis de escolaridade aumenta a possibilidade de os mesmos incorrerem em práticas agressivas nos seus relacionamentos íntimos.

Quanto ao fator “idade”, existe alguma controvérsia na comunidade científica sobre as diferenças de idade e a relação que esta pode adverter na perpetração e/ou vitimação nas relações de namoro (Caridade, 2011)

Após uma revisão da literatura apurou-se que este fator é irrelevante para alguns autores, como Noland *et alii.* (2004).

Num estudo desenvolvido por Antunes e Machado (2012), verificou-se que quanto mais novos são os indivíduos, maior é a probabilidade de perpetrarem e

sofrerem de vitimação física violenta. Porém, não se averiguam diferenças significativas ao nível do abuso emocional e sexual.

No que respeita aos fatores intrapessoais, Caridade (2011) elenca algumas variáveis como a depressão, a baixa autoestima e comportamentos suicidas.

Segundo Roberts, Klein e Fisher (2003), jovens com tendências suicidas e indícios de depressão têm uma maior predisposição para a vitimação nos relacionamentos íntimos.

O mesmo afirma Foshee *et alii.* (2004) que verificaram uma associação positiva entre a depressão e comportamentos de violência física e sexual nas relações de namoro.

Na mesma linha de raciocínio situa-se Kreiter *et alii.* (1999, cit. in Powers e Kerman, 2006), sustentando que a depressão e os comportamentos suicidas estão relacionados com a vitimação de ambos os sexos, apesar disso, estes autores não especificam se a depressão é um resultado dos comportamentos violentos vivenciados na relação ou, então, uma causa.

A baixa autoestima influencia os sexos de diferentes formas. Ou seja, a baixa autoestima nas mulheres aparece como uma maior probabilidade de esta ser vitimizada, relativamente aos homens com baixa autoestima que tendem a manifestar mais atitudes violentos com os(as) seus(suas) parceiros(as) (O'Keefe, 1997).

Em relação aos fatores interpessoais, como o nome indica, é referente à satisfação ao nível pessoal, como a duração da relação, as estratégias de resolução de problemas, entre outras (Lewis & Fremouw, 2001, cit. in Barros, 2014).

Segundo Murray e Kardatzke (2007), quanto maior a duração da relação e mais séria for a mesma, maior é a hipótese de ocorrência de violência. Isto porque os parceiros vão adquirindo uma certa dependência emocional e tolerância aos comportamentos do outro (APAV, 2011).

Por último, no que respeita aos fatores situacionais pode-se enumerar o consumo de álcool e/ou drogas, onde se pode salientar a preponderância de relação positiva entre o consumo de substâncias e violência nos relacionamentos íntimos (ex.: Howard e Wang, 2003; Magdol *et alii.*, 1997; O'Keefe, 1998).

O consumo de substâncias, em particular o álcool, aumenta os níveis de desinibição que pode resultar em atos agressivos. Assim, quando associado a outros fatores, como a violência interparental, pode resultar num impacto ainda maior, uma vez que estes indivíduos já se encontram em risco (O'Keefe, 1998).

Segundo Sani (2006), o álcool, por si só, não deve ser um fator com particular destaque, dado que este surge como um desestabilizador com resultado acrescido na crise familiar.

Em suma, no que se refere à violência no namoro, é necessário analisar os fatores de risco associados ao indivíduo, uma vez que estes fomentam a predisponibilidade de perpetração e/ou vitimação do mesmo (Caridade, 2011).

1.3.6. Crenças na Violência no Namoro

A perpetração e/ou vitimação de violência deve ser localizada num contexto histórico, social e cultural, visto estes desempenharem diferentes papéis e posições sociais no quotidiano (Caridade e Machado, 2006).

As crenças emergem de interações humanas, sendo que o indivíduo influencia e é influenciado, toda esta dependência funciona como uma espécie de círculo, uma vez que acabamos por perceber o que está à nossa volta, não só do nosso ponto de vista, mas também do panorama dos outros (Machado, 2010).

A adolescência, nesse sentido, constitui-se como um momento crucial na etapa da vida do jovem, onde vai consolidar a sua perceção de violência, tendo em conta as suas crenças e o seu papel social na sociedade (Machado, 2010).

Segundo Carlson (1999, cit. *in* Machado, 2010), uma relação mais duradoura vai aumentar a probabilidade de os atos de violência perpetrados pelo(a) parceiro(a) serem, mais facilmente, desculpabilizados e legitimados.

Todavia, vários estudos indicam, incluindo o de Machado, Matos e Moreira (2003, cit. *in* Caridade e Machado, 2006), que os jovens demonstram uma baixa concordância no que concerne à consumação de atos violentos.

Todavia, outros estudos referem que os adolescentes recorrem à perpetração da violência, visto esta ser considerada como uma prática “aceitável” (O'Keefe, 2005, cit. *in* Cristóvão, 2012).

De acordo com Johnson e Das (2009), a “aceitação da violência” institui-se como dos fatores principais para o cometimento de violência nas relações amorosas, sendo que os homens que acreditam que, por vezes, o ato de abuso contra a parceira é “aceitável” têm duas vezes mais hipóteses de praticar esses mesmos atos, em comparação com aqueles que acreditam que, na maioria das circunstâncias, é aceitável agredir a companheira, a probabilidade aumenta para quatro vezes.

Nesse seguimento, partindo do pressuposto que a violência é uma prática “recorrente” e “normal”, as mulheres tendem a associar o ciúme ao amor, comparativamente aos homens que tendem a relacionar o ciúme como uma oportunidade para realizar atos violentos (Ventura, Frederico-Ferreira e Magalhães, 2013; Wolfe, Wekerle e Scott, 1996, cit. *in* Caridade e Machado, 2006).

Assim, a “aceitação” da violência como algo normal e as crenças associadas ao amor dificultam a tomada de consciência por parte da população, sendo que se torna mais “comum” a banalização do conceito (Ventura, Frederico-Ferreira e Magalhães, 2013; Costa e Lima, 1998, cit. *in* Machado, Macieira e Carreiras, 2010).

Um estudo elaborado com estudantes universitários demonstra que 75% das mulheres que, em algum momento da sua vida, já foram vitimizadas, continuam na mesma relação, permitindo a consumação dos atos violentos (Black e Weisy, 2003, cit. *in* Caridade e Machado, 2006).

Os fatores alusivos a uma maior desculpabilização da violência, numa ordem individual, segundo um estudo desenvolvido por Ribeiro e Sani (2008, cit. *in* Ventura, Frederico-Ferreira e Magalhães, 2013) com estudantes com idades compreendidas 11-18 anos eram as características da vítima, como a provocação por parte da vítima, e as causas externas ao agressor, como o consumo excessivo de álcool.

Destarte, os homens tendem a atribuir os seus atos agressivos às atitudes das mulheres, como uma forma de desculpabilização e/ou justificação, minimizando, assim, a sua violência (Caridade e Machado, 2006).

Uma investigação levada a cabo por Méndez e Hernández (2001, cit. *in* Nascimento e Cordeiro, 2011) revela que quanto maior for o tempo de ocorrência do primeiro ato de agressão, maior a probabilidade de a prática continuar, devido à vinculação afetiva que se vai estabelecendo com o decorrer do tempo.

Um estudo desenvolvido com estudantes do ensino secundário e universitário realçou que um número significativo de jovens já esteve envolvido numa situação de violência no seu relacionamento amoroso, situando-se nos 10,7% no que concerne ao abuso físico e 38,2% relativo ao abuso psicológico (Duarte e Lima, 2006).

Consoante Black e Weisy (2003, cit. *in* Caridade e Machado, 2006), grande parte dos jovens que estão envolvidos, ou já estiveram envolvidos, numa situação de violência nos seus relacionamentos, não recorrem ao sistema judicial devido ao receio das repercussões que podem adverter futuramente, como punições parentais, e a falta de confiança no sistema, no sentido de não acreditarem totalmente se o que vão relatar é sigiloso ou, até, se vão ser culpabilizados.

Assim, pode-se concluir que torna-se relevante analisar as crenças e atitudes dos indivíduos face à perpetração e/ou vitimação da violência, uma vez que esta varia de acordo com os contextos sociais, históricos e culturais (Caridade e Machado, 2006).

II – Estudo Empírico

A violência nos relacionamentos íntimos tem vindo a ser alvo de estudo por parte da comunidade científica, dada a relação existente entre comportamentos violentos e crenças e atitudes face à violência (Machado, Caridade e Martins, 2009).

De acordo com Lavoie, Robitaille e Hébert (2000), os jovens adolescentes tendem a culpabilizar a vítima dos atos que perpetraram, no sentido de desculpabilizar e minimizar as suas atitudes.

Segundo Próspero (2007), os homens acreditam que têm um estatuto social superior ao das mulheres e, consequentemente possuem mais poder. Esta forma de pensar pode ser resultado da constante interação social e difusão de mitos culturais, como modo de pensar da comunidade, os *media*, entre outros.

Assim, os homens tendem a recorrer a atos violentos com intuito de “manter” esse poder e estatuto perante a companheira. Por conseguinte, as mulheres acreditam que esses atos são demonstrações de amor, desvalorizando e ignorando a violência.

Corroborando esta informação, outros estudos sugerem que a relação entre os papéis de género e a violência nos relacionamentos íntimos estão interligados, assim como os estereótipos, sendo que o género masculino apresenta maiores probabilidades de aplicar violência (Caridade, 2011).

Desta forma, as crenças erradas enraizadas nos indivíduos podem adverter em consequências para ambos os sujeitos, tanto agressores como vítimas, funcionando como uma espécie de “bola de neve”. Em outras palavras, uma vez que as vítimas concebem os comportamentos violentos como algo “normal” e legítimo podendo, por vezes, assumir certa responsabilidade, a probabilidade de o agressor continuar a executar tais atos é maior (Machado, Caridade e Martins, 2009).

2.1. Metodologia

2.1.1. Objetivos

2.1.1.1. Objetivo Geral

Assim, o presente projeto de investigação surgiu com o propósito de analisar a taxa de violência que prevalece nos relacionamentos amorosos nos estudantes universitários portugueses, uma vez que estudos indicam que a violência marital resulta,

grande parte das vezes, de uma violência perpetrada no namoro., tendo em consideração as crenças e atitudes que estes têm perante os(as) seus(suas) parceiros(as).

2.1.1.2. Objetivos Específicos

Foram selecionados como objetivos específicos para este estudo, a averiguação de uma relação entre os comportamentos violentos dos jovens e as suas crenças e atitudes face a este fenómeno. Nesse seguimento, irão ser enumeradas algumas questões do qual a presente investigação pretende responder, nomeadamente:

- Descrever a prevalência de vítimas de violência nos relacionamentos íntimos, em algumas universidades portuguesas;
- Verificar se existem diferenças de género quanto ao fenómeno da violência no namoro.
- Identificar as diferentes tipologias de violência de que os estudantes são, ou foram, vítimas;
- Descrever o conhecimento e a autoperceção dos estudantes face a este tópico;
- Caracterizar os comportamentos dos estudantes, com base nas suas crenças relativamente ao fenómeno da violência, nomeadamente, se existem situações em que a violência é legítima e/ou tolerada.

2.1.2. Amostra

O presente estudo privilegiou o contexto universitário para análise de vitimação e perpetração de violência nas relações amorosas, assim como outros autores designando-se, por muitos, como o local preferencial de investigação deste fenómeno. (Cleveland, Herrera e Stuewig, 2003).

A amostra foi constituída por estudantes universitários a frequentar, atualmente, o 1º, 2º, 3º, 4º e/ou 5º ano de curso numa das faculdades portuguesas descritas seguidamente:

- Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto;
- Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto;
- Faculdade de Ciências da Universidade do Porto;

- Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto;
- Faculdade de Desporto da Universidade do Porto;
- Faculdade de Direito da Universidade do Porto;
- Faculdade de Economia da Universidade do Porto;
- Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto;
- Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto;
- Faculdade de Letras da Universidade do Porto;
- Faculdade de Medicina da Universidade do Porto;
- Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto,
- Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto;
- Faculdade de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto.

2.1.3. Critérios de Inclusão

A presente investigação tem como objetivo, como já foi referido anteriormente, analisar a taxa de prevalência de violência no namoro em estudantes universitários. Assim, como critérios de inclusão, serão admitidos jovens matriculados para obtenção do grau de Licenciado e/ou Mestre em Portugal, que aceitem as condições de preenchimento do inquérito, incluindo a especificidade de ser preenchido *online*, e que não integrem nenhuma das reivindicações descritas nos “critérios de exclusão”.

2.1.4. Critérios de Exclusão

No que concerne aos critérios de exclusão, não serão admitidos jovens com idade inferior a 18 anos e superior a 30 anos; que não se encontrem matriculados numa das faculdades da Universidade do Porto enumeradas, ou que se encontrem a frequentar outro ano, para além dos explícitos anteriormente; estudantes que se encontrem em regime de mobilidade internacional em Portugal; estudantes que estejam casados e/ou em regime de união de facto; por último, terem estado ou estarem numa relação de namoro.

2.1.5. Método

A metodologia utilizada é aquela que o investigador acredita ser a mais adequada para atingir os objetivos propostos, sendo que é no decorrer desta fase que o investigador vai determinar os métodos a utilizar (Fortin, 1999).

O presente projeto de investigação pretende obter e analisar dados relativos à prevalência de atos agressivos nas relações amorosas, passadas e atuais, visando os fatores existentes, as crenças e atitudes dos estudantes universitários portugueses perante o fenómeno da violência, de forma a auxiliar os profissionais futuramente na sua intervenção e/ou prevenção.

Nessa perspetiva, o estudo empírico apresentado é semi-estruturado, de cariz descritivo.

O estudo descritivo permite observar fenómenos, neste caso em concreto a prevalência de violência no namoro nos estudantes universitários, formular hipóteses para o estudo em causa, como forma de tentar justificar o fenómeno, reunir um conjunto de sujeitos (amostra), entre outros (Fortin, 1999).

Para a realização da investigação empírica sugere-se que seja utilizada um questionário semi-estruturado, isto é, que faça referência a questões abertas e fechadas, bem como uma abordagem quantitativa, dado que permite o(a) investigador(a) alcançar dados numéricos quanto ao fenómeno em estudo, através de questões delineadas e concretas, com recurso a entrevistas e/ou questionários (Dalfovo, Lana e Silveira, 2008). Neste enquadramento, a investigadora vai recorrer à técnica do inquérito por questionário, com intuito de recolher o máximo de informações possíveis para que os objetivos específicos acima descritos sejam dotados de maior cientificidade.

A técnica de inquérito por questionário engloba um conjunto de processos que oscila desde estrutura das perguntas, abertas e/ou fechadas, se possível em escala de *Likert*, à utilização da linguagem clara e concisa, para posterior análise de conteúdo.

2.1.6. Instrumento

Como foi supracitado anteriormente, o presente projeto de investigação irá recorrer ao inquérito por questionário. O inquérito, segundo Maia (2016), constitui-se como uma técnica relevante à caracterização da criminalidade, pois este implica um

conhecimento *a priori* acerca do fenómeno em estudo, para que possa haver uma comparação científica do objeto de estudo.

Num primeiro estágio considera-se relevante elaborar um inquérito por questionário (Anexo II). O instrumento foi elaborado especificamente para a presente investigação, sendo que a mesma está organizada em três partes, para além de uma breve introdução.

O inquérito por questionário inicia-se com uma pequena introdução, com objetivo de explicar aos participantes as condições do preenchimento deste inquérito, bem como pedido de consentimento informado do mesmo, tendo em conta os direitos e deveres explícitos.

A primeira parte incide na caracterização sociodemográfica do participante, abordando questões acerca da sua idade, género, até à sua orientação sexual e estado civil.

Quanto à segunda parte, esta é relativa à área de estudo do participante, ou seja, o estudante deverá indicar o curso, o ano e a instituição que está a frequentar atualmente.

A terceira e última parte visa recolher dados relativos ao tópico da violência no namoro, se é ou já foi vítima e/ou perpetrador ou perpetradora, pelo menos uma vez, algum tipo de abuso em alguma relação de intimidade, se acredita que existem situações em que a violência pode ser “justificada” e/ou tolerada, quais as causas que atribui a estes comportamentos agressivos, entre outros.

2.1.7. Procedimentos

Como foi supracitado anteriormente, antes da aplicação do inquérito por questionário aos estudantes universitários dev-se fazer um pré-teste para que possa ser assegurada a validação do instrumento, do mesmo modo que eventuais lacunas que possam surgir no mesmo.

Numa primeira fase irão ser formalizados pedidos de aplicação do instrumento à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa (Anexo III), de forma a garantir que os pareceres da Comissão são garantidos.

Após a confirmação por parte da Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa e atestando a aplicabilidade do presente questionário por inquérito, segue-se o pedido de autorização aos responsáveis das instituições onde irá ser administrada o objeto de estudo, designadamente ao reitor da Universidade do Porto (Anexo IV) e, consequentemente, aos/às diretores/as das respetivas faculdades (Anexo V).

Após concedida a autorização, a recolha de dados será em formato *online* e de autopreenchimento, de carácter anónimo, de modo a abranger o maior número de estudantes possíveis. Quando os participantes acederem ao questionário por inquérito, na primeira parte, terão acesso aos objetivos dos estudo e uma breve explicação de como deverão proceder no preenchimento do mesmo, além de que, após a leitura, decidirão se querem participar ou não na investigação. Caso aceitem, numa segunda parte, concedem a sua autorização para posterior processamento dos dados recolhidos, visando o seu anonimato e confidencialidade.

2.1.8. Resultados Esperados

A presente investigação pretende, com os questionários por inquérito, conseguir analisar a taxa de prevalência de violência nas relações de intimidade em jovens universitários, assim como analisar se se verificam as seguintes hipóteses formuladas:

- 1) A área de formação do participante influencia, de alguma forma, a perspetiva do mesmo perante o fenómeno da violência;
- 2) Existência de diferenças quanto à perpetração e/ou vitimação em função do género;
- 3) Existência de uma relação positiva e significativa entre as crenças dos jovens quanto à violência nas relações de intimidade e o comportamento violento;
- 4) Existência de uma relação positiva e significativa entre os papéis de género e a atitude dos participantes perante os atos abusivos;
- 5) Existência de uma relação positiva e significativa entre a vivência de violência no seio familiar e a perpetração e/ou vitimação da mesma.

Neste sentido, este estudo pretende dar a conhecer aos profissionais dados estatísticos quanto à realidade em algumas universidades portuguesas, com intuito de elaborar medidas e programas de prevenção e de intervenção, para desconstruir certos mitos e crenças que possam existir, clarificar o conceito de violência nos

relacionamentos íntimos, em específico, tal como atitudes que englobam este fenómeno, entre outros aspetos.

A partir dos dados recolhidos, os profissionais serão capazes de identificar, se for o caso, os pontos onde deverão incidir a sua intervenção e/ou prevenção e que alterações são necessárias fazer.

Assim, este estudo direcionado para a população universitária servirá como mais um instrumento de auxílio aos profissionais que intervêm nesta área e tentam compreender/fomentar as possíveis géneses do comportamento abusivo.

Este é um problema de grande relevância tanto ao nível da comunidade científica, como ao nível da sociedade, uma vez que os atos que os indivíduos têm perante eles mesmos e para com os outros têm repercussões, diretas e/ou indiretas, nos outros sujeitos.

Assim, torna-se de interesse para toda a população a compreensão e enquadramento do fenómeno da violência, em especial, nos relacionamentos íntimos, visto que estamos em constante interação social e, tendo em vista a teoria da aprendizagem social, os comportamentos são apreendidos por reforço e observação.

III – Reflexões Finais

O fenómeno da violência nas relações amorosas é um tópico que tem vindo a ser foco de estudo por grande parte da comunidade científica e de notável relevância para a sociedade em geral.

A elaboração deste estudo foi preparado com base nas variáveis existentes na literatura e que, no decorrer do tempo, têm vindo a ser alvo de investigação, principalmente em contexto universitário (Cleveland, Herrera e Stuewig, 2003).

Dessa forma, tendo em consideração que os primeiros estudos foram com jovens universitários e foi possível começar a desenvolver cada vez mais programas de prevenção e de intervenção, a presente investigação pretende analisar a taxa de prevalência de violência nos relacionamentos amorosos, no sentido de tentar perceber as lacunas que possam existir nos programas que têm vindo a ser desenvolvidos e, portanto, suprimir essas necessidades para que a resposta a este obtenha resultados mais promissores.

A prevenção primária é uma mais-valia nas mudanças de atitude e de pensamento dos jovens, auxiliando na desconstrução de possíveis mitos associados à violência, na aquisição de novas competências para lidar com as adversidades que possam existir no futuro e para resolução de conflitos, entre outros aspetos (Veríssimo *et alii.*, 2013).

Apesar de este fenómeno ter grande visibilidade, a violência no namoro, neste caso, continua a verificar-se, sendo que a presente investigação vai tentar, de algum modo, preencher as lacunas existentes.

Apesar da presente investigação tentar abordar um grande número de estudantes universitários, o questionário por inquérito tem algumas condições no seu preenchimento, como foi mencionado anteriormente, ou melhor, não serão admitidos jovens com idade inferior a 18 anos e superior a 30 anos; que não se encontrem matriculados numa das Universidades do Porto enumeradas, ou que se encontrem a frequentar outro ano, para além dos explícitos anteriormente; estudantes que se encontrem em regime de mobilidade internacional em Portugal; estudantes que estejam casados e/ou em regime de união de facto e, por último, terem estado ou estarem numa relação de namoro. Dessa forma, estas condições podem-se configurar como limitações ao estudo em causa.

Por exemplo, o facto de o presente estudo só abordar estudantes universitários já está a excluir outros jovens que podem, ou não, terem sido vítimas e/ou agressores numa relação de namoro, existindo a possibilidade de alterar a leitura do fenómeno em causa.

Outra limitação pode ser a aplicação do questionário por inquérito ser *online*. Isto é, por um lado tem aspetos positivos como a divulgação do mesmo ser mais ampla, abrangendo um maior número de alunos num espaço de tempo mais reduzido. Por outro lado, o/a investigador/a não consegue criar uma relação empática com o participante e, para além disso, afora o questionário abarcar questões abertas e fechadas, a leitura e compreensão do fenómeno da violência pode não ser tão complexa como uma entrevista com o participante.

Na presente investigação foram referidos alguns fatores que, segundo a literatura, podem influenciar nos atos dos indivíduos, sem embargo não vão ser inquiridos alguns fatores, como o consumo de substâncias, o nível socioeconómico, a caracterização e/ou relacionamento com o grupo de pares, a autoperceção do participante, entre outros fatores. Quer dizer, a investigação vai centrar-se, essencialmente, na idade, na área de formação, na vivência de violência no seio familiar, nas suas crenças e atitudes, bem como na sua experiência e perspetiva pessoal sobre os relacionamentos íntimos.

Segundo a investigadora, existe a necessidade de alargar a promoção de programas de prevenção e de intervenção, apostando, essencialmente, na prevenção primária com jovens, visto ser na fase da adolescência que os indivíduos tendem a fomentar os papéis de género, aumentando a probabilidade de legitimar e/ou tolerar comportamentos abusivos (Barros, 2014).

Conclusão

A elaboração do presente projeto de graduação foi um enorme desafio a nível pessoal, destarte acompanhada de um sentimento realização, tendo sido uma etapa importante para o próximo passo a nível profissional e acadêmico.

A investigadora destaca a importância que a educação dos pais, a influência do grupo de pares, a intervenção escolar, assim como os restantes elementos da sociedade, têm para a interiorização, direta e/ou indireta, de crenças e atitudes nos indivíduos, bem como a sua posição perante a cultura e o momento histórico em que estão inseridos.

Assim sendo, torna-se relevante instruir a população relativamente a este fenómeno, designadamente à igualdade de géneros, os comportamentos que caracterizam uma relação amorosa violenta, a desmitificação de mitos que possam existir quanto à violência e papéis de género, fornecer informações do que é uma relação afetiva-sexual, entre outros.

Pode-se evidenciar que o projeto de graduação e todo o processo de investigação envolvente, como foi referido anteriormente, constituiu-se como um momento de aprendizagem não só pessoal, como académico e profissional, descoberta, interesse e expectativa.

O especial interesse no tópico da “Violência no Namoro” deu resultado na elaboração do presente projeto de graduação “Violência no namoro: Taxa de incidência em estudantes universitários”. Este surgiu com a curiosidade da investigadora em compreender ou, pelo menos, tentar perceber e identificar as possíveis causas, o tipo de violência que mais prevalece nesta população e porquê, as crenças dos estudantes, entre outros aspetos.

Em suma, o presente estudo pretende contribuir para uma melhor leitura e compreensão do fenómeno da violência nas relações amorosas, tendo sido efetuado com jovens a frequentar o ensino superior, com propósito de desenvolver programas de prevenção e intervenção para este tipo de população. Já que, vários autores defendem que a violência nas relações de namoro são um forte preditor para a violência marital (por exemplo, O’Leary *et alii.*, 1989).

Referências Bibliográficas

- Ackerson, L. K. *et alii.* (2008). Effects of individual and proximate educational context on intimate partner violence: A population-based study of women in India. *American Journal of Public Health*, volume 98, 3, pp. 507–514.
- Antunes, J. e Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, volume 30, 1-2, pp. 93-107.
- Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, volume 126, 5, pp. 651-680.
- Arriaga, X. B. e Foshee, V. A. (2004). Adolescent dating violence: Do adolescents follow in their friends, or their parents, footsteps? *Journal of Interpersonal Violence*, volume 19, 2, pp. 162-184.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2011). *Manual crianças e jovens vítimas de violência: Compreender, intervir e prevenir*. Porto: APAV.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2019). *Relatório Anual de 2018*. Lisboa: APAV
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. [Em linha]. Disponível em < <https://apav.pt/vd/index.php/features2>>. [Consultado em 13/06/2019].
- Bachman, R. e Saltzman, L. E. (1995). Violence against women: Estimates from the redesigned survey. *U.S. Department of Justice, Office of Justice Programs*.
- Bandura, A. (1999). Social cognitive theory: Na agentic perspective. *Asian Journal of Social Psychology*, 2, pp. 21-41.
- Barros, S. M. (2014). *Violência nas relações de namoro juvenis e ideação de comportamentos suicidas*. Dissertação de Mestrado em Medicina Legal. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.
- Berry, B. D. (2000). *The domestic violence sourcebook: Everything you need to know*. Los Angeles: Lowel House.
- Bertoldo, R. B. e Barbará, A. (2006). Representação social do namoro: A intimidade na visão dos jovens. *Psico-USF*, volume 11, 2, pp. 229-237.
- Breiding, M. J. *et alii.* (2015). *Intimate partner violence surveillance uniform definitions and recommended data elements, version 2.0*. Atlanta: Centers for Disease Control and Prevention, National Center for Injury Prevention and Control.
- Beserra *et alii.* (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery*, volume 20, 1, pp. 183-191.

Caetano, R., Ramisetty-Mikler, S. e McGrath, C. J. (2004). Acculturation, drinking, and intimate partner violence among Hispanic couples in the United States: A longitudinal study. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, volume 26, 1, pp. 60-78.

Callahan, M. R., Tolman, R. M. e Saunders, D. G. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research*, volume 18, 6, pp. 664-681.

Calvete, E. *et alii*. (2018). Exposure to family violence and dating violence perpetration in adolescents: Potential cognitive and emotional mechanisms. *Psychology of Violence*, volume 8, 1, pp. 67-68.

Cano, A. *et alii*. (2000). Dating violence in two high school samples: Discriminating variables. *Journal of Primary Prevention*, volume 18, 4, pp. 431-446.

Capaldi, D. M., Kim, H. K. e Shortt, J. W. (2007). Observed initiation and reciprocity of physical aggression in young, at-risk couples. *Journal of Family Violence*, volume 22, 2, pp. 101-111.

Caridade, S. e Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, volume 24, 1, pp. 485-493.

Caridade, S. e Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: Relevância da prevenção. *Psicologia*, volume 22, 1, pp. 77-104.

Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica*. Coimbra: Edições Almedina.

Castro, R. e Ruíz, A. (2004). Prevalencia y severidad de la violencia contra mujeres embarazadas, México. *Revista de Saúde Pública*, volume 38, 1, pp. 62-70.

Centers for Diseases Control and Prevention. [Em linha]. Disponível em <<https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/teen-dating-violence-2014-a.pdf>>. [Consultado em 20/09/2019].

Chaves, E. e Sani, A. (2014). Violência familiar: da violência conjugal à violência sobre a criança. *Revista Eletrônica de Educação e Psicologia*, volume 1, pp. 1-10.

Cleveland, H. H., Herrera, V. M. e Stuewig, J. (2003). Abusive males and abused females in adolescent relationships: Risk factor similarity and dissimilarity and the role of relationship seriousness. *Journal of Family Violence*, volume 18, 6, pp. 325-339.

Coker, A. L. *et alii.* (2000). Severe dating violence and quality of life among South Carolina high school students. *American Journal of Preventive Medicine*, volume 19, 4, pp. 220.

Cristóvão, C. (2012). Quanto mais me bates mais eu gosto de ti: Um estudo exploratório sobre a violência no namoro (*Dissertação de Mestrado em Psicologia Aplicada, Especialização em Psicologia Clínica*). Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.

Cunradi, C. B. *et alii.* (2000). Neighborhood poverty as a predictor of intimate partner violence among White, Black, and Hispanic couples in the United States: A multilevel analysis. *Annals of Epidemiology*, volume 10, 5, pp. 297-298.

Dalfovo, M. S., Lana, R. A. e Silveira, A. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: Um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, volume 2, 4, pp. 1-13.

Dobash, R. P. e Dobash, R. E. (2004). Women's violence to men in intimate relationships. *British Journal of Criminology*, volume 44, 3, pp. 324-349.

Dye, M. e Eckhardt, C. (2000). Anger, irrational beliefs and dysfunctional attitudes in violent dating relationships. *Violence and Victims*, volume 15, 3, pp. 337-350.

Duarte, A. P. e Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, volume 43, 1, pp. 105-124.

Ellis, W. E., Chung-Hall, J. e Dumas, T. M. (2013). The role of peer group aggression in predicting adolescent dating violence and relationship quality. *Journal Youth Adolescent*, volume 42, 4, pp. 487-499.

Follingstad, D. R., Coyne, S. e Gambone, L. (2005). A representative measure of psychological aggression and its severity. *Violence and Victims*, volume 20, 1.

Fortin, M. F. (1999). *O processo de investigação: Da concepção à realização*. Loures: Lusociência-Edições Técnicas e Científicas, LDA.

Foshee, V. A. *et alii.* (2013). The peer context and the development of the perpetration of adolescent dating violence. *Journal Youth Adolescent*, volume 42, 4, pp. 471- 486.

González-Ortega, I., Echeburúa, E. e Corral, P. (2008). Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: Una revisión. *Psicología Conductual*, volume 16, 2, pp. 207-225.

Gover, A. R., Kaukinen, C. e Fox, K. A. (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *Journal of Interpersonal Violence*, volume 23, 12, pp. 1667-1693.

Guerreiro, A. *et alli.* (2015). *Intimidade e violência no namoro: Refletir a problemática nos/as jovens*. Porto: União de Mulheres Alternativa e Resposta.

Guimarães, S. P. e Campos, P. (2007). Norma social violenta: Um estudo da representação social da violência em adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, volume 20, 2, pp. 188-196.

Harned M. (2001). Abused women or abused men? Na examination of the context and outcomes of dating violence. *Violence and Victims*, volume 16, 3, pp. 269-285.

Hayeck, C. M. (2009). Refletindo sobre a violência. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, volume 1, 1.

Hickman, L. J., Jaycox, L. H. e Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: Prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence & Abuse*, volume 5, 123-142.

Howard, D. E. e Wang, M. Q. (2003). Risk profiles of adolescents girls who were victims of dating violence. *Adolescence*, volume 38, 149, pp. 1-14.

Ismail, F., Berman, H. e Ward-Griffin, C. (2007). Dating violence and the health of young women: A feminist narrative study. *Health Care for Women International*, volume 28, 5, pp. 453-477.

Izaguirre, A. e Calvete, E. (2016). Exposure to family violence as a predictor of dating violence and child-to-parent aggression in spanish adolescents. *Youth & Society*, volume 49, 3, pp. 393-412.

Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: A review of the literature. *Aggression and violent behavior*, volume 4, 2, pp. 233-247.

Johnson, K. B. e Das, M. B. (2009). Spousal violence in Bangladesh as reported by men: Prevalence and risk factors. *Journal of Interpersonal Violence*, volume 20, 5, pp. 977-995.

Katz, J., kuffel, S. W. e Coblenz, A. (2002). Are there gender differences in sustaining dating violence? An examination of frequency, severity, and relationship satisfaction. *Journal of Family Violence*, volume 17, 3.

Krahé, B. *et alii.* (2015). Prevalence and correlates of young people's sexual aggression perpetration and victimization in 10 European countries: A multi-level analysis. *Culture, Health & Sexuality*, 1–18.

Krug, E. G. *et alii.* (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.

Lavoie, F., Robitaille, L., e Hébert, M. (2000). Teen dating relationships and aggression. *Violence Against Women*, volume 6, 1, pp. 6-36.

Lourenço, N., Lisboa, M. e Pais, E. (1997). *Violência contra as mulheres*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

Machado, L. M. (2010). *Crenças e Representações Sociais dos Adolescentes sobre a Violência Interpessoal*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde e Intervenção Comunitária. Porto: Universidade Fernando Pessoa, Escola de Estudos Pós-Graduados e de Investigação.

Machado, C., Caridade, S. e Martins, C. (2009). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25, 1, pp. 43-52.

Machado, C. e Gonçalves, R. (2003). Vitimologia e Criminologia. *In*: Machado, C. e Gonçalves, R. A. (Coord.). *Violência e Vítimas de Crime*, volume 1 – Adultos. Coimbra: Quarteto Editora, pp. 7-9.

Machado, T. S., Macieira, I. M. e Carreiras, M. C. (2010). Violência nas relações de namoro: Influência de crenças e área de formação. *Psicologia, Educação e Cultura*, volume 14, 2, pp. 355-372.

Magdol, L. *et alii.* (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-year-olds: Bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, volume 65, 1, pp. 68–78.

Maia, R. L. *et alii.* (2016). *Dicionário: Crime, justiça e sociedade*. Lisboa: Edições Sílabo, LDA.

Makepeace, J. M. (1981). Courtship violence among college students. *Family relations*, volume 30, 1, pp. 97-102.

Manita, C., Ribeiro, C. e Peixoto, C. E. (2009). *Violência doméstica: compreender para intervir - guia de boas práticas para profissionais de instituições de apoio a vítimas*. Lisboa: Comissão para a cidadania e igualdade de género.

Matos, M. *et alii.* (2009). *Violência, Bullying e Delinquência* (1ªed). Lisboa: Coisas de Ler Edições.

Matos, M. G., Gonçalves, A. e Gaspar, T. (2005). *Aventura Social e risco, prevenção do VIH numa comunidade migrante*. Lisboa: CMDT/Edições IHMT.

Medeiros, R. A. e Straus, M. A. (2006). Risk factors for physical violence between dating partners: Implications for gender-inclusive prevention and treatment of family violence. In: Hamel, J. e Nicholls, T. (Eds.). *Family approaches in domestic violence: A practitioner's guide to gender-inclusive research and treatment*. Springer, pp. 59-85.

Miller, L. M. (2011). Physical abuse in a college setting: A study of perceptions and participation in abusive dating relationships. *Journal of Family Violence*, volume 26, 1, pp. 71-80.

Mouzos, J. e Makkai, T. (2004). *Women's experiences of male violence*. Canberra: Australian Institute of Criminology.

Murray, C. E. e Kardatzke, K. N. (2007). Dating violence among college students: Key issues for college counselors. *Journal of College Counseling*, volume 10, 1, pp. 79-89.

Narayan, A. J., Englund, M. M. e Egeland, B. (2013). Developmental timing and continuity of exposure to interparental violence and externalizing behavior as prospective predictors of dating violence. *Development and Psychopathology*, volume 25, 4, pp. 973-990.

Nascimento, F. S. e Cordeiro, R. L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, volume 23, 2, pp. 516-525.

Noland, V. J. *et alii*. (2004). Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence? *American Journal Health Behavior*, volume 28, 1, pp. 13-23.

Offenhauer, P. (2011). *Teen dating violence: A literature review and annotated bibliography*. Library of Congress – Federal Research Division.

O'Keefe, M. (1998). Factors mediating the link between witnessing interparental violence and dating violence. *Journal of Family Violence*, volume 13, 1, pp. 39-57.

O'Keefe, M. (1997). Predictors of dating violence among high school students. *Journal of Interpersonal Violence*, volume 12, 4, pp. 546-568.

O'Keefe, M. e Treister, L. (1998). Victims of dating violence among high school students: Are the predictors different for males and females? *Violence against Women*, volume 4, 2, pp. 195-223.

O'Leary, K. D. *et alii.* (1989). Prevalence and stability of physical aggression between spouses: a longitudinal analysis. *Journal of consulting and Clinical Psychology*, volume 57, 2, pp. 263.

Oliveira, M. S. e Sani, A. I. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, pp. 162-170.

Oliveira, M. S. e Sani, A. I. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In Bento S. e Leandro A. (Coords). *Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: Centro de Investigação em Educação, pp. 1061-1074.

Oliveira, Q. B. M. *et alii.* (2014). Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, volume 19, 3, pp. 702-718.

Organização Mundial de Saúde. (2002). *World report on violence and health*. Genebra: World Health Organization.

Paiva, C. e Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4, pp. 165-184.

Paiva, C. e Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, volume 5, 2, pp. 243-272.

Paiva, C. e Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, pp. 75-107.

Papalia, D. E., Olds, S. W. e Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Editora Artmed.

Powers, J. e Kerman, E. (2006). Teen dating violence. [Em linha]. Disponível em < http://www.actforyouth.net/resources/rf/rf_datingviolence_0206.pdf>. [Consultado em 10/09/2019].

Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa: Decreto de Lei nº48/95, de 15 de março, alteração perante diploma Lei nº7/2000 de 27 de maio. [Em linha]. Disponível em < <https://dre.pt/application/conteudo/291937>>. [Consultado em 06/09/2019].

Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa: Decreto de Lei nº48/95, de 15 de março, alteração perante diploma Lei nº102/2019 de 6 de setembro. [Em linha]. Disponível em

<http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=109&tabela=leis&so_mio_lo=>. [Consultado em 06/09/2019].

Próspero, M. (2007). Young adolescent boys and dating violence: The beginning of patriarchal terrorism? *Journal of Women and Social Work*, volume 22, 3, pp. 271-280.

Razera, J., Cenci, C. M. B. e Falcke, D. (2014). Violência doméstica e transgeracionalidade: Um estudo de caso. *Revista de Psicologia da IMED*, volume 6, 1, pp. 47-51.

Relatório Anual de Segurança Interna 2018. [Em linha]. Disponível em <<https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=ad5cfe37-0d52-412e-83fb-7f098448dba7>>. [Consultado em 05/09/2019].

Riggs, D. S. e O'Leary, K. D. (1996). Agression between heterossexual dating partners. An examination of a causal model of courtship aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, volume 11, 4, pp. 519-540.

Roberts, T. A. e Klein, J. (2003). Intimate partner abuse and high-risk behavior in adolescents. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, volume 157, 4, pp. 375-380.

Roberts, T. A., Klein, J. D. e Fisher, S. (2003). Longitudinal effect of intimate partner abuse on high-risk behaviour among adolescents. *Archive Pediatric Adolescent Medicine*, volume 157, 9, pp. 875-881.

Saavedra, R. M. (2016). Vitimação indireta. In: Maia, R. L. *et alii* (1ªEd.). *Dicionário: Crime, justiça e sociedade*. Lisboa: Edições Sílabo, LDA.

Sani, A. I. (2006). Vitimação indirecta de crianças em contexto familiar. *Análise Social*, volume 41, 180, pp. 849-864.

Santrock, J. W. (2003). *Psicología del desarrollo en la adolescencia*. Madrid: McGraw-Hill Companies.

Saunders, D. G. (2002). Are physical assaults by wives and girlfriends a major social problem? A review of the literature. *Violence Against Women*, volume 8, 12, pp. 1424-1448.

Schenker, M. e Minayo, M. C. S. (2005). Fatores e risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, volume 10, 3, pp. 707-717.

Simpson, J. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, volume 59, 5, pp. 971-980.

Smith, D. M. e Donnelly, J. (2000). Adolescent dating violence: A multi-systemic approach of enhancing awareness in educators, parents, and society. *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, volume 21, 1, pp. 53-64.

Smith, P. H., White, J. W. e Holland, L. J. (2003). A longitudinal perspective on dating violence among adolescent and college-age women. *American Journal of Public Health*, volume 93, 7, pp. 1104-1109.

Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Sage Publications*, volume 10, 7, pp. 790-811.

Swan, S. C., e Snow, D. L. (2003). Behavioral and psychological differences among abused women who use violence in intimate relationships. *Violence Against Women*, volume 9, 1, pp. 75–109.

Ventura, M. C. A. A., Frederico-Ferreira, M. M. e Magalhães, M. J. S. (2013). Violência nas relações de intimidade: Crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, volume 3, 11, pp. 95–103.

Veríssimo, C. M. F. *et alii*. (2013). *Prevenir a violência no namoro - N(amor)o (im)perfeito - Fazer diferente para fazer a diferença*. Coimbra: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem, pp. 43-44.

Worcester, N. (2002). Women's use of force. *Violence Against Women*, volume 8, 11, pp. 1390-1415.

Anexos

Anexo I: Legislação referente à Violência Doméstica

Alteração a 27 de maio de 2000 no âmbito da Lei nº7.

Decreto-Lei nº48/95, de 15 de março

Artigo 152º

“Maus tratos ou sobrecarga de menores, de incapazes ou do conjugue”

[...]

1 – [...]

2 - A mesma pena é aplicável a quem infligir ao cônjuge, ou a quem com ele conviver em condições análogas às dos cônjuges, maus tratos físicos ou psíquicos.

3 - A mesma pena é também aplicável a quem infligir a progenitor de descendente comum em 1.º grau maus tratos físicos ou psíquicos.

4 - A mesma pena é aplicável a quem, não observando disposições legais ou regulamentares, sujeitar trabalhador a perigo para a vida ou perigo de grave ofensa para o corpo ou a saúde.

5 - (Anterior n.º 4.)

6 - Nos casos de maus tratos previstos nos n.os 2 e 3 do presente artigo, ao arguido pode ser aplicada a pena acessória de proibição de contacto com a vítima, incluindo a de afastamento da residência desta, pelo período máximo de dois anos.

Anexo II: Inquérito por questionário para estudantes universitários portugueses

Ao longo deste inquérito irá encontrar várias questões relativas a relacionamentos amorosos, com referência a algumas crenças e atitudes que, com o decorrer do tempo e execução de vários estudos, a comunidade científica foi identificando.

Por favor, responda com sinceridade a todas as respostas que se seguem fazendo uma cruz (X) na opção que melhor traduza o seu modo de pensar. Não existem respostas certas nem erradas, por isso responda como acredita e sente.

Assim, todos os dados e respostas que fornecer serão anónimos e confidenciais.

Não preencha o inquérito se estiver casado/a ou em regime de união de facto; se não estiver a frequentar, atualmente, um curso do ensino superior; ou se for estudante internacional, a realizar programa de mobilidade internacional.

Obrigada pela sua colaboração!

Consentimento Informado

Ao responder às perguntas de seguida enunciadas autorizará a:

Aceito participar na investigação “Violência no Namoro: taxa de prevalência em estudantes universitários”, que está a ser desenvolvido no âmbito de obtenção do grau de Licenciado em Criminologia, pela Universidade Fernando Pessoa.

Fui informado/a que este projeto de investigação não abrange qualquer tipo de participação financeira, sendo de livre e espontânea vontade a participação no mesmo. Para além disso, foi garantido o anonimato e confidencialidade das respostas fornecidas para o estudo em causa.

Desta forma, declaro que é de livre e espontânea vontade que participo neste projeto de investigação.

1. Dados Sociodemográficos

Idade (anos):

Género:

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Outro: _____

Orientação Sexual:

- ☐ Heterossexual
- ☐ Homossexual
- ☐ Bissexual

Estado Civil:

- ☐ Solteiro/a
- ☐ Casado/a e/ou União de facto (Caso assinale esta opção, por favor, termine aqui o seu questionário)
- ☐ Divorciado/a
- ☐ Viúvo/a

2. Informação Acadêmica

Área Científica de Estudo:

- ☐ Arquitetura
- ☐ Belas Artes
- ☐ Ciências da Nutrição e da Alimentação
- ☐ Desporto
- ☐ Direito e/ou Ciências Sociais
- ☐ Economia, Contabilidade e/ou Gestão
- ☐ Engenharia e/ou Tecnologias
- ☐ Farmácia
- ☐ Letras
- ☐ Medicina e/ou Medicina Dentária
- ☐ Psicologia e/ou Ciências da Educação
- ☐ Saúde
- ☐ Outro: _____

Local de Formação Acadêmica (Universidade):

Ano de Frequência do Curso (Atual):

- ☐ 1º
- ☐ 2º
- ☐ 3º
- ☐ 4º
- ☐ 5º

3. Caracterização de Violência no Namoro

Tem ou já teve uma relação de namoro?

- ☐ Sim
- ☐ Não (Se selecionou esta opção, por favor, termine aqui o seu questionário)

Considera que, em algum momento de uma relação de namoro, já perpetrrou ou perpetr violência com o/a seu/sua companheiro/a?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

Considera que é, ou já foi, vítima de violência num relacionamento íntimo?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

Se sim, indique o tipo ou os tipos de violência de que foi alvo e/ou perpetrrou. (Pode assinalar mais do que uma opção)

- ☐ Física (ex.: empurrar; atirar objetos; agarrar e/ou prender; entre outros)
- ☐ Psicológica (ex.: insultar; chamar nomes; humilhar; entre outros)
- ☐ Sexual (ex.: obrigar a ter relações, ou praticar atos sexuais, com o próprio e/ou terceiros, sem o seu consentimento; acariciar e/ou forçar carícias sem o seu consentimento; entre outros)
- ☐ Outro: _____

Se está a ser, ou já foi vítima/agressor de violência numa relação de namoro, indique quando ocorreu o 1º comportamento abusivo. (Caso nunca tenha sofrido de nenhum tipo de abuso nestas condições, por favor, indique “não se aplica”, ou caso não se recorde, por favor, indique “não sei”)

_____ (ex.: 1 mês de namoro)

Após a prática desses atos a relação terminou ou manteve-se?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não se aplica
- ☐ Outro: _____

Acredita que existem situações em que a violência numa relação de namoro é legítima e/ou tolerada? Justifique a sua resposta.

Se respondeu “sim” anteriormente, por favor, indique as/os situações/contextos em que a mesma se verifica ou se pode verificar.

Quais as causas que atribui à violência no namoro?

Alguma vez vivenciou violência no seu seio familiar?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, indique, por favor, a sua relação com o agressor.

- ☐ Mãe/Madrasta
- ☐ Pai/Padrasto
- ☐ Avó
- ☐ Avô
- ☐ Filho/a
- ☐ Amiga/o
- ☐ Outro: _____

Se sim, indique, por favor, a sua relação com a vítima direta¹.

- ☐ Mãe/Madrasta
- ☐ Pai/Padrasto
- ☐ Avó
- ☐ Avô
- ☐ Amiga/o
- ☐ Filho/a
- ☐ Outro: _____

¹Pessoa que é alvo direto da violência e/ou crime, ou seja, pessoa que experiencia primeiramente as consequências do crime (Karmen, 2012, cit. *in* Saavedra, 2016).

Anexo III – Pedido de autorização à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

Exma. Senhora Presidente,

Da Comissão de Ética da

Universidade Fernando Pessoa

Assunto: Pedido de submissão de projeto de investigação

Eu, Catarina Raquel da Silva Duarte, aluna do último ano do 1º Ciclo de estudos em Criminologia na Universidade Fernando Pessoa, venho por este meio solicitar a avaliação e posterior submissão do meu projeto de investigação.

O presente projeto está intitulado como “Violência no Namoro: Taxa de incidência e estudantes universitários” e visa compreender a realidade em algumas universidades portuguesas, analisando a taxa de violência que ocorrem nos relacionamentos íntimos universitários, com intuito de tentar compreender a visão dos estudantes face a este fenómeno mediático e, posteriormente, desenvolver e/ou fortalecer meios de prevenção e intervenção.

Para tal, procedeu-se à elaboração de um inquérito por questionário *online* que será aplicado a estudantes universitários de algumas universidades portuguesas, designadamente na região do Porto.

Sem mais nenhum assunto de momento, aguardo deferimento.

Porto, 03 de outubro de 2019

A requerente

(Catarina Raquel da Silva Duarte)

**Anexo IV – Pedido de autorização para realização de questionário ao Reitor da
Universidade do Porto**

Catarina Duarte,

2019

Exmo. Professor Doutor António Sousa Pereira

Porto, 03 de outubro de 2019

Assunto: Pedido de autorização para a realização de questionário a estudantes universitários que estejam a frequentar uma das universidades do Porto

Eu, Catarina Raquel da Silva Duarte, portadora do cartão de cidadão número ----, aluna de Criminologia do último ano do 1º Ciclo de estudos da Universidade Fernando Pessoa, venho por este meio solicitar autorização para aplicar um questionário aos estudantes que estejam a frequentar alguma faculdade da Universidade do Porto.

O questionário seria aplicado *online*, sendo que os participantes apenas necessitavam de um objeto eletrónico e *internet* para aceder ao mesmo. Este questionário tem alguns critérios sendo que a população-alvo seriam estudantes a frequentar o 1º/2º/3º/4º e/ou 5º ano de alguma faculdade da Universidade do Porto, sendo excluídos os restantes estudantes. Para além disso, não serão admitidos estudantes: com idade inferior a 18 anos e superior a 30 anos; que se encontrem a frequentar outro ano, para além dos explícitos anteriormente; estudantes que se encontrem em regime de mobilidade internacional em Portugal; que estejam casados e/ou em regime de união de facto e, por último, terem estado ou estarem numa relação de namoro.

Serão garantidas todas as normas de ética, assim como o anonimato e confidencialidade de todos os estudantes, dos resultados obtidos.

Assim sendo, gostaríamos de solicitar a sua colaboração para a implementação do presente questionário.

Sem mais nenhum assunto de momento, fico a aguardar resposta da sua parte.

Atentamente,

(Catarina Raquel da Silva Duarte)

**Anexo V – Pedido de autorização para realização de questionário ao(à) Diretor(a)
da Faculdade --- da Universidade do Porto**

Catarina Duarte,

2019

Exmo. Senhor(a) Diretor(a) da Faculdade ----- da Universidade do Porto

Porto, 03 de outubro de 2019

Assunto: Pedido de autorização para a realização de questionários *online* a estudantes que estejam a frequentar o 1º/2º/3º/4º e /ou 5º ano de Curso

Eu, Catarina Raquel da Silva Duarte, portadora do cartão de cidadão número ----, aluna do último ano do 1º Ciclo de estudos em Criminologia na Universidade Fernando Pessoa, venho por este meio solicitar a autorização para aplicar questionários a estudantes que se encontrem a frequentar, ou matriculados, num dos seguintes anos do Curso: 1º/2º/3º/4º e /ou 5º.

O presente questionário tem como objetivo fulcral analisar a prevalência de comportamentos abusivos que os estudantes têm e/ou são sujeitos por parte do(a) companheiro(a), tentando compreender e contextualizar as suas atitudes e/ou crenças que possam ter e, futuramente, desenvolver e/ou fortalecer programas de prevenção e intervenção.

Como foi mencionado anteriormente, um dos critérios de preenchimento do inquérito por questionário é frequentar e/ou star matriculado em algum dos anos supracitados. Porém, além disto, é necessário que estes: não tenham idade inferior a 18 anos e superior a 30 anos; não se encontrem a frequentar outro ano, para além dos explícitos anteriormente; não se encontrem em regime de mobilidade internacional em Portugal; não estejam casados e/ou em regime de união de facto e, por último, terem estado ou estarem numa relação de namoro.

O estudo em causa terá em conta todos os procedimentos éticos, bem como a confidencialidade e anonimato dos resultados obtidos.

Sem mais nenhum assunto de momento, aguardo esperançosamente a resposta por sua parte.

Atenciosamente,

(Catarina Raquel da Silva Duarte)